



UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

PRISCILA VIANA KICH

**INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL
INFANTIL**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

PRISCILA VIANA KICH

**INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL
INFANTIL**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Forense

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria da Graça Saldanha Padilha

CURITIBA

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da publicação
Biblioteca Sidney Lima Santos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Priscila Viana Kich

Intervenção com Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual, Priscila Viana Kich, Curitiba-2014.

Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Tuiuti do Paraná.

Área de concentração: Psicologia Forense

Orientadora: Maria da Graça Padilha

Abuso sexual infantil; intervenções em grupo; poder familiar; violência infantil; violência familiar.

Nome: Priscila Viana Kich

Título: Intervenção com Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual.

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná para obtenção do Título de Mestre em Psicologia Forense.

Aprovado (a) em: / /

Banca examinadora

Professor(a) orientador(a) Doutor(a): Maria da Graça Saldanha Padilha

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Assinatura: _____

Professor(a) avaliador(a) Doutor(a): Maria de Fátima Minetto

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR e Universidade Federal do Paraná - UFPR

Assinatura: _____

Professor(a) avaliador(a) Doutor(a): Giovana Veloso Munhoz da Rocha

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

Assinatura: _____

"Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito".

Chico Xavier

AGRADECIMENTOS

Quando pensava na parte dos agradecimentos eu imaginava que em palavras não seriam suficientes para agradecer as pessoas que de uma forma direta ou indireta estiveram comigo neste processo tão importante da minha vida, na verdade a realização de um grande sonho.

E um sonho para ser maravilhoso não pode ser sonhado sozinho e sim compartilhado. E sendo assim, quero agradecer a Deus, por nunca ter faltado em nenhum momento das minhas orações.

E partindo deste, já venho explicar meu grande amor e admiração por meus queridos pais, Antônio Carlos Kich e Neiva Viana Kich que nunca me deixaram faltar muito amor, carinho e compreensão em todos momentos da minha vida, em especial este da minha formação como Mestre. Agradeço a confiança em mim depositada em todos estes anos. Sou uma pessoa de muita sorte em tê-los em minha vida. Obrigada!

Faltariam palavras para poder descrever o amor em que fui recebida da casa do meu irmão Marcelo Viana Kich, minha cunhada que considero como uma irmã Alessandra Simões Kich e meu amado afilhado Otávio Simões Kich. Todas semanas fui recebida com carinho e afeto. Ficamos muito mais próximos do que sempre fomos, pois morei praticamente um ano junto com estas três paixões da minha vida. Jamais vou esquecer o cuidado que me foi dado, atenção e amor nas dificuldades. Você meu irmão fez um papel muito importante nesta minha caminhada, lhe agradecerei eternamente.

Ao meu irmão Alexandre Viana Kich, quero agradecer as inúmeras vezes em que liguei para conversar, com sua leveza e tranquilidade me passava sempre muita confiança e que era preciso seguir sempre.

Aos meus queridos amigos de coração, Gabriela Dorneles Berlesi, Juliana Santin e Fernando Martins. Vocês não podem mensurar o quanto foram importantes para mim nesta caminhada, sem vocês seria impossível. Sempre prontos a me escutar, a dar o ombro para chorar, me tirar de casa para sair um pouco e me divertir. Sempre com palavras acalentadoras nas horas dos longos desabafos. Vocês são tudo!

Á minha tia Joana Viana Leonor que não esta mais entre nós, mas quero deixar um agradecimento as nossas intermináveis conversas que tínhamos sobre nossas vidas.

Pois sei que era uma pessoa que estaria vibrando comigo neste dia tão importante, não poderia deixar de menciona-la com carinho e muita saudade.

A Psicóloga Márcia Ritter foi uma pessoa que me auxiliou, me deu força, lutou e apoiou projeto desde o início, incentivando a cada dia.

Aos meus queridos mestres que tive o prazer em tê-los no Mestrado: Dra. Paula Inês Cunha Gomide, Dra. Maria da Graça Padilha, Dra. Giovana Munhoz da Rocha, Dra. Yara Lúcia Mazziotti Bulgacov.

E em especial a minha Orientadora Dra. Maria da Graça Saldanha Padilha pelo trabalho realizado com êxito.

INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Área: Psicologia Forense

Kich, P. V. (2015). *Intervenção com Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual*. Defesa de Mestrado. Programa de Pós Graduação Stricto-Sensu em Psicologia na Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, Paraná.

RESUMO

Pessoas que sofreram abuso sexual na infância ou adolescência carregam inúmeras seqüelas emocionais provenientes do abuso, em diferentes graus, podendo inclusive tornarem-se multiplicadores de maus-tratos. Este estudo teve como objetivo geral a análise de um processo terapêutico em grupo desenvolvido com sete adolescentes do sexo feminino que foram vítima de abuso sexual. Foi um trabalho de intervenção, pois visou diminuir seqüelas deixadas pelo abuso sexual e melhorar o repertório de enfrentamento das participantes. O processo teve doze sessões e foi dividido em fases, tendo cada uma seu objetivo específico: I – Preparação - dessensibilizar para facilitar a autoexposição; II – Revelação e exposição de sentimentos - facilitar a revelação do abuso sexual, promover a exposição de sentimentos; III – Aceitação - discutir a aceitação do abuso sexual e seu lugar na história de vida da pessoa; IV – Prevenção - facilitar a aprendizagem de comportamentos de auto-proteção que impeçam a revitimização. Descrição do processo foi feita em sessões, cada uma contendo: estratégias utilizadas, relato do desenvolvimento, avaliação e discussão. Os resultados mostram que exposições graduais ao tema feitas em grupo podem facilitar a revelação do abuso sexual e a expressão de sentimentos, o que abre caminho para a prevenção da revitimização através da aprendizagem de comportamentos de auto-proteção.

Palavras chave: Abuso sexual infantil; Intervenção em Grupo; Poder Familiar; Violência Infantil; Violência Familiar.

Kich, P. V. (2015). *Intervention with adolescents victims of sexual abuse*. Graduate Program in Psychology Strictu Senso from Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, Paraná.

ABSTRACT

People who have experienced sexual abuse in their childhood or adolescence carry numerous emotional sequels from those abuses varying in degrees and may even become multipliers of maltreatments. The main subject of this study is to analyze a therapeutic group developed with seven teenage girls who have been sexually abused. It was an intervention aimed to decrease the consequences caused by sexual abuse and also aimed to improve the coping repertoire of the participants. The whole process had twelve sessions and was divided into phases, each containing its specific goals: I - Preparation - to lessen the sensitiveness to facilitate auto exposure; II - Revelation and discourse of feelings - to facilitate the revelation of sexual abuse and to promote exposure of their feelings; III - Acceptance - discuss the acceptance of sexual abuse and its place in the history of one's life; IV - Prevention - to facilitate the learning of self-protective behaviors that prevent reoccurrence of the abuse. The description of the process was done in sessions containing: strategies used, report of the development, evaluation and discussion. The results show that the gradual group exposure could facilitate the report of sexual abuse by the victims and expression of their feelings making a way for prevention of the reoccurrence by the learning of self-protection behaviors.

Keywords: Child Sexual Abuse; Intervention Group; Family Power; Child Violence; Family Violence.

Sumário

Introdução	15
Intervenção com Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual	17
Objetivos	27
Método	27
Participantes	27
Local	29
Equipe Terapêutica	29
Instrumentos	30
Procedimentos	30
Resultados	33
Entrevista Preliminar	33
Fases do Processo	48
Fase I – Preparação	48
Fase II – Revelação e exposição de sentimentos	58
Fase III – Aceitação	61
Fase IV – Prevenção	65
Discussão	80
Conclusão	84
Referências	86
Anexos	93

Lista de Tabelas

TABELA 1 – Fases do trabalho em grupo

TABELA 2 – Você já conversou com uma psicóloga antes?

TABELA 3 – Com quem você mora?

TABELA 4 – Em que série você está?

TABELA 5 – Você tem amigos na escola? E perto da sua casa?

TABELA 6 – O que você costuma fazer quando não está na escola?

TABELA 7 – Que atividades você gosta de fazer?

TABELA 8 – Agora que nos conhecemos um pouco mais, você sabe por que está aqui?

TABELA 9 – Como isso acontecia?

TABELA 10 – Os abusos deixaram de acontecer ou ainda acontecem?

TABELA 11 – Que idade você tinha quando o abuso aconteceu pela primeira vez?

TABELA 12 – O abuso aconteceu mais de uma vez?

TABELA 13 – Você contou que isto estava acontecendo para alguém?

TABELA 14 – Para quem contou?

TABELA 15 – Você sofreu algum tipo de ameaça para não contar sobre o abuso?

TABELA 16 – (Nome do agressor) alguma vez bateu ou xingou você?

TABELA 17 – E o que aconteceu depois que você contou sobre o abuso?

TABELA 18 – Como sua família reagiu/ o que ela fez depois que você contou?

TABELA 19 – Você foi a delegacia ou Conselho Tutelar?

TABELA 20 – Conte-me como foi ir a estes lugares?

TABELA 21 – E o que aconteceu depois?

TABELA 22 – Como está a sua vida agora?

Lista de Figuras

Figura 1 – Argila.

Figura 2 – Quebra-cabeça 1.

Figura 3 – Quebra-cabeça 2.

Lista de Anexos

Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa

Anexo 2 – Carta de solicitação de Permissão de Pesquisa

Anexo 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as Adolescentes

Anexo 4 – Roteiro de Entrevista para Avaliação de Abuso Sexual

Anexo 5 – Lista de Tabelas

Pessoas que sofreram abuso sexual carregam inúmeras sequelas emocionais provenientes do abuso, em diferentes graus. Uma das mais impactantes é o sentimento de culpa em relação a sua participação no abuso. Este sentimento está aliado a uma auto-imagem negativa de agente do abuso, o que impede a abordagem do assunto e a busca de ajuda para diminuir as sequelas emocionais deixadas pela situação.

O trabalho em grupo com adolescentes vitimadas sexualmente que é proposto aqui foi baseado na Intervenção de Padilha (2001), tem os seguintes pressupostos:

- 1) Vítimas de maus-tratos na infância e/ou adolescência podem tornar-se multiplicadores de maus-tratos na vida adulta;
- 2) A revelação do abuso sexual numa situação protegida permite diminuir as sequelas emocionais decorrentes do abuso; para que a informação venha a público deve passar por um ouvinte não crítico e empático que aceite a pessoa;
- 3) A revelação feita por aproximações sucessivas permite a prevenção da esquiva, pela diminuição da ansiedade;
- 4) A livre expressão de sentimentos ligados à situação de abuso facilita a modificação da auto-imagem negativa de agente do abuso;
- 5) A compreensão do papel de vítima permite o desenvolvimento de habilidades de autoproteção para a prevenção da revitimização.

Este estudo teve como objetivo geral a análise de um processo terapêutico em grupo desenvolvido com sete adolescentes do sexo feminino que foram vítimas de abuso sexual e que frequentavam o CREAS. A análise fornece informações sobre a condução de um processo terapêutico de curto prazo, focado no tema específico do abuso sexual.

Durante o processo, a expressão dos sentimentos de raiva e culpa foi facilitada para dar lugar a uma auto-imagem modificada do papel de agente para o papel de vítima e, por conseguinte, a oportunidade de aprendizagem de um repertório de autoproteção. O trabalho foi dividido em fases, tendo cada uma seu objetivo específico:

Fase I – Preparação: dessensibilizar para facilitar a auto-exposição (falar de si mesma, dos próprios sentimentos); Fase II – Revelação e exposição de sentimentos: facilitar a revelação do abuso sexual, promover a exposição de sentimentos; Fase III – Aceitação: discutir a aceitação do abuso sexual e seu lugar na história de vida da pessoa;

Fase IV – Prevenção: facilitar a aprendizagem de comportamentos de autoproteção que impeçam a revitimização.

Trata-se de um trabalho de prevenção terciária, pois visa diminuir sequelas deixadas pelo abuso sexual (predominantemente intrafamiliar) e melhorar o repertório de enfrentamento das participantes, tendo em vista a importância do trabalho para a sociedade ao auxiliar as vítimas a realizar a revelação e trabalhar seus comportamentos além de sua contribuição científica para a Psicologia Forense ao comprovar a eficácia da intervenção psicológica e tratamento.

REVISÃO DE LITERATURA

INTERVENÇÃO COM ADOLESCENTES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL

Reconhecida como um fenômeno complexo, a violência pode ser compreendida a partir de diferentes perspectivas, afeta a sociedade como um todo e representa um grave problema de saúde pública (Ferriani & Reis, 2004; Pires & Miyazaki, 2005; Gomes e Cols., 2006; Talbot e Cols., 2009).

A violência sexual, uma das faces da violência e foco deste trabalho, atinge todas as faixas etárias, classes sociais e ambos os sexos, especialmente crianças, adolescentes e mulheres jovens (Lopes e Cols., 2004; Ribeiro e Cols., 2004; Pires, 2005; Gomes e Cols., 2006; Inoue & Ristum, 2008).

Abuso sexual contra crianças e adolescentes pode ser definido como o contato com um agressor em estágio psicosssexual mais avançado, que expõe a vítima a estímulos sexuais impróprios para a idade ou a utiliza para satisfazer-se sexualmente. Pode haver uso de força física, ameaças, mentiras ou indução e incluir toques, carícias e exposição genital, relações com penetração (digital, vaginal ou anal), pornografia, assédio, exibicionismo, *voyerismo* e prostituição (Padilha & Gomide, 2004; Habigzang e Cols., 2005; Pires & Miyazaki, 2005).

Três aspectos comuns às diversas definições de abuso sexual incluem “[...] impossibilidade de uma decisão por parte da criança ou adolescente sobre sua participação na situação abusiva [...]” (Padilha & Gomide, 2004, p.53); uso da vítima para satisfação sexual do agressor; e uso de coerção (Padilha & Gomide, 2004).

O abuso sexual pode ocorrer em três diferentes contextos: 1) intrafamiliar, 2) extrafamiliar ou 3) institucional. O primeiro é o mais frequente e envolve um membro da família ou pessoas consideradas pela criança/adolescente como tal. No segundo, o agressor, na maioria das vezes, é alguém que é conhecido e tem acesso à vítima. O terceiro ocorre em instituições cuja responsabilidade é cuidar da criança/adolescente (Habigzang e Cols., 2005; Pires & Miyazaki, 2005).

De acordo com a Associação Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA), de 1.547 denúncias de abuso contra crianças e adolescentes,

52% envolviam a faixa etária de sete a 14 anos, 37% das vítimas tinham menos de seis anos e 11% eram adolescentes (15 a 18 anos). As vítimas eram do sexo feminino em 76% dos casos (Laks, Werner & Miranda-Sá, 2006).

As consequências da violência sexual podem ser imediatas e em longo prazo, físicas e/ou psicológicas. Incluem doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), Aids (HIV), gravidez, dor e vulnerabilidade a diversas doenças (Ribeiro e Cols., 2004; Pfeiffer & Salvagni, 2005; Faundes e Cols., 2006; Talbot e Cols., 2009), uso de drogas, prostituição, depressão, sentimentos de culpa, isolamento, estigmatização, baixa autoestima, transtorno de estresse pós-traumático, suicídio, problemas de comportamento e dificuldades escolares (Habigzang & Caminha, 2004; Lopes e Cols., 2004; Inoue & Ristum, 2008).

Segundo Habigzang (2009), os indicadores de vitimização sexual podem variar desde alterações de comportamento até a presença de lesão genital grave, passando por distúrbios do sono, dor abdominal, enurese, baixo desempenho escolar, depressão, comportamento sexualizado, choro fácil, medo e comportamento suicida. As meninas são as vítimas mais frequentes, e a maioria é abusada por pessoas que transitam em contextos nos quais ela também participa. Pai, padrastos, avós, tutores ou parentes próximos têm sido apontados como os principais abusadores denunciados às autoridades competentes (Habigzang, 2009).

Conforme a *World Health Organization* (Who, 2004), o Abuso Sexual Infantil é definido como solicitação sexual indesejada e inadequada, ou exposição a uma criança por uma pessoa mais velha; tocar ou carícias genital ; ou penetração em termos de sexo oral, anal ou coito vaginal ou tentativa de relação sexual. Pode variar desde atos em que não exista contato sexual (voyeurismo, exibicionismo), até diferentes atos com contato sexual sem penetração (toques, carícias, masturbação) ou com penetração (vaginal anal e oral). Estas práticas eróticas e sexuais são impostas à criança ou ao adolescente pela força física, ou ameaças.

O abuso sexual infantil é considerado um evento traumático e pode ser um fator de risco para o desenvolvimento, devido às severas sequelas emocionais, comportamentais, sociais e cognitivas associadas a sua ocorrência (Cicchetti & Toth, 2005; Kendall- Tackett, Williams, & Finkellor, 1993; Paolucci, Genuis, & Violato, 2001).

As consequências dessa forma de violência para as vítimas pode variar devido as suas características pessoais, ao apoio social e afetivo recebido por pessoas significativas e órgãos de proteção, até as características do abuso sexual em si. Assim o gradiente de consequências no desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental pode variar desde efeitos menores até transtornos psicopatológicos de alta gravidade (Cohen, Mannarino & Roga, 2001).

Um dos crimes mais cometidos contra a criança em todo o mundo é o abuso sexual. É também o crime menos denunciado, o que proporciona uma falsa impressão de raridade (Cunningham & Williams, 2009). O tema começou a receber uma maior atenção no Brasil com a criação de novos órgãos, regulamentados pelo Estatuto da criança e do Adolescente (ECA), em 1991, dentro do Sistema de Garantias de Direitos, como os Conselhos Tutelares (Dobke, 2001; Leite, 2009).

Em sua raiz etimológica grega, "trauma" significa lesão causada por um agente externo. Essa definição migrou para o campo psicológico, e com frequência supõe-se que um trauma ocorre quando as defesas psicológicas naturais falham (Lipp, 2000).

Para Chauí (1985), a violência não é uma violação ou transgressão de normas, regras e leis, mas sim a conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, exploração e opressão, que se efetiva na passividade e no silêncio. Ela se mostra ligada ao poder, pois se um domina de um lado, do outro está o sujeito dominado, violentado, ou seja, fica estabelecida uma relação de forças em que um polo se caracteriza pela dominação e o outro pela coisificação. Porém, nem a violência nem o poder são fatores naturais, intrínsecos ao ser humano.

A avaliação das alterações emocionais e comportamentais torna-se um elemento importante à identificação dos casos. Estudos apontam a presença de uma diversidade de sintomas clínicos associados ao ASI, incluindo sequelas emocionais, comportamentais, cognitivas e sociais (MacMillan e Cols., 2001; Tyler, 2002; Briere & Elliott, 2003).

O abuso sexual gera vários danos em suas vítimas, os danos primários podem aparecer em curto e longo prazo variando conforme a situação abusiva e a idade da vítima. A curto prazo, curiosidade sexual excessiva, autoconceito negativo, raiva, tristeza, ansiedade, sentimento de vergonha e/ou culpa, conhecimento sexual inapropriado para a idade, isolamento, masturbação excessiva ou pública, pesadelos,

fuga de casa, colocar objetos no ânus ou na vagina, evitação de determinadas pessoas e lugares, etc. A longo prazo, desenvolvimento quadros psiquiátricos (risco quatro vezes maior), alcoolismo, depressão e transtornos psicossomáticos, transtorno de estresse pós-traumático, transtornos alimentares e alterações do sono. (Brino, 2006, Habigzang & Koller, 2006; Machado e Cols., 2011).

Dentro do modelo cognitivo-comportamental, pressupõe-se que a percepção construída pela vítima é a de ser agente do abuso sexual, ou seja, a história de vida da criança vítima permitiu que ela desenvolvesse a crença de ser partícipe do abuso. Logo, a vítima assume a culpa pelo abuso, o que resulta em comportamentos de evitação do assunto e na impossibilidade de novas aprendizagens de comportamentos mais adaptativos. Modificar a crença da pessoa abusada de partícipe (culpada) para vítima é propiciar a aprendizagem de um repertório comportamental que impeça a revitimização (Padilha, 2001).

O sentimento de culpa é uma constante observada nas crianças vítimas de abuso sexual, isso ocorre principalmente pela dificuldade em compreender que aquelas pessoas que também proporcionam carinho e cuidados podem causar danos, justamente a justificativa que a criança tem pelo que aconteceu é algo que ela fez de errado e por isso está sendo punida. Assim, o que possibilita estas consequências descritas é a dinâmica em que o abuso ocorreu, por exemplo: os efeitos do próprio abuso, a consequência que uma possível revelação pode causar, ideias equivocadas sobre a situação abusiva, abusador intrafamiliar, entre outros (Habigzang & Koller, 2006; Cunningham & Williams, 2009).

A manifestação da violência intrafamiliar pode se apresentar de várias maneiras e com diferentes graus de severidade, sendo o abuso sexual contra crianças uma dessas formas. O abuso sexual infantil intrafamiliar é um ato de violência praticado por pais, companheiros dos genitores, parentes ou responsáveis que sustentam um vínculo afetivo de responsabilidade, confiança ou poder com a criança (Pfeiffer & Salvagni, 2005).

Fatores como a dinâmica do segredo e o vínculo próximo com o agressor também contribuem para maior duração dos abusos intrafamiliares. Em muitos casos, as vítimas conseguem revelar a violência sofrida apenas na adolescência ou na vida adulta, devido ao medo de serem culpabilizadas pelo abuso e responsabilizadas pela destrui-

turação da família, assim como pelo medo de que o agressor cumpra as ameaças realizadas para manter a violência em segredo (Berliner & Conte, 1995).

As crianças vítimas de violência intrafamiliar levaram um período maior para contar sobre o abuso quando comparadas com as crianças vítimas de violência extrafamiliar, estas que acreditavam nas possíveis consequências negativas quando contassem sobre o abuso, demonstraram um período mais longo para revelar o abuso sexual, concentrou-se, principalmente, em danos à pessoas significativas, como por exemplo, familiares, estando também relacionada com o medo de consequências negativas a si própria ou aos agressores. A idade, o tipo de abuso (intrafamiliar ou extrafamiliar), e a percepção de responsabilidade frente ao abuso estão relacionados com o período que as vítimas levam para revelar a violência sexual (Goodman-Brown e Cols., 2003).

Widom (1989) aborda a hipótese da transmissão intergeracional da violência, segundo a qual violência gera violência e abuso gera abuso. Pessoas que tenham passado por situações de maus-tratos na infância têm maior probabilidade de se tornarem multiplicadores destes maus-tratos, caso não tenham sido assistidas em seu sofrimento. Dentro desta perspectiva, fica claro que a proteção deve, necessariamente, incluir estratégias de prevenção aos maus-tratos, seja na intervenção em relação ao problema já instalado, ou na tentativa de evitar que ele se instale. Já que o abuso sexual é uma forma de maus-tratos, deve também ser foco de estratégias de prevenção, para que o problema não se transmita às gerações seguintes.

Na escolha do tipo de atendimento, a literatura aponta os atendimentos psicológicos psicossociais e psicoeducativos, sendo a escolha dependente da avaliação inicial da criança ou do adolescente. Vale destacar que as crianças e adolescentes que aparentemente não apresentam nenhum sintoma podem beneficiar-se do tratamento psicoeducativo para a prevenção de futuras vitimizações e para verificação, durante um período de tempo, de consequências que poderiam estar ainda latentes (Saywitz e Cols. 2000).

Padilha (2001) propôs uma intervenção com “Adolescentes Institucionalizadas vítimas de abuso sexual”, que teve o objetivo de realizar trabalho de prevenção terciária, visando diminuir sequelas deixadas pelo abuso sexual (predominantemente

intrafamiliar) e melhorar o repertório de enfrentamento das participantes. O grupo tinha por finalidade falar sobre abuso sexual. Foi um trabalho de prevenção terciária, pois visou diminuir sequelas deixadas pelo abuso sexual e melhorar o repertório de enfrentamento das participantes. Abre caminho para a prevenção da revitimização através da aprendizagem de comportamentos de autoproteção.

O esquema do trabalho terapêutico, descrito por Padilha (2001), foi separado por quatro fases: Fase I, de Preparação: que tinha como objetivo dessensibilizar para facilitar a autoexposição; Fase II, Revelação e exposição de sentimentos: que serviu para facilitar a revelação do abuso sexual, promover a exposição de sentimentos, Fase III, Aceitação: foi para discutir a aceitação do abuso sexual e seu lugar na história de vida da pessoa, Fase IV, Prevenção: e teve como objetivo a facilitação a aprendizagem de comportamentos de autoproteção que impeçam a revitimização.

Com relação ao tempo de intervenção clínica, segundo Habigzang (2006), este pode variar de acordo com o referencial teórico que fundamenta a intervenção e os fatores relacionados com a história de abuso e as consequências desse abuso para a criança ou adolescente. Ressalta-se, no entanto, que o fator de maior relevância na intervenção do abuso sexual infanto-juvenil não é o tempo de duração do tratamento, mas o tempo de duração de seus efeitos, pois um tratamento com maior duração dos efeitos não apenas produz melhora dos sintomas psicológicos, mas também tem melhores resultados na suspensão ou até mesmo na reversão dos efeitos psicobiológicos do abuso sexual infanto-juvenil (Cohen, Knudsen, & Mannarino, 2005).

Crianças podem desenvolver severas sequelas emocionais, tais como o Transtorno de Estresse Pós Traumático, após serem expostas a experiências traumáticas, incluindo maus-tratos, abuso sexual, guerra, acidentes de carro, desastres naturais e sérias condições médicas (Perrin, Smith, & Yule, 2000; Kaminer, Seedat, & Stein, 2005; Catani e Cols., 2008).

Desde a organização proposta por Terr (1991), referente à sintomatologia de crianças traumatizadas, uma adequação dos critérios de TEPT infantil e demais respostas emocionais frente a situações de estresse foram propostas pelo Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-IV-TR; APA, 2002) e pela Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento (CID-10; OMS, 1993). De acordo com os critérios do DSM-IV-TR (APA, 2002), o TEPT caracteriza-se como um transtorno de ansiedade, evidenciado após a pessoa vivenciar, testemunhar ou ter sido

confrontada com um ou mais eventos traumáticos (Critério A1) e reagir com intenso medo, pavor ou comportamento de esquivia (Critério A2). O TEPT é caracterizado pela presença de três categorias de sintomas: (a) re-experiência intrusiva (Critério B); (b) evitação e entorpecimento (Critério C); e (c) excitabilidade fisiológica aumentada (Critério D). Os sintomas devem estar presentes por um período superior a um mês (Critério E), após a exposição ao evento traumático, e estar interferindo em diferentes áreas do desenvolvimento infantil e provocando prejuízos no funcionamento cognitivo, emocional, social e acadêmico das crianças (Critério F; APA, 2002).

Diversos autores concordam que os sintomas de estresse pós-traumático infantil diferem daqueles apresentados por adultos, apesar do diagnóstico do TEPT baseado no DSM-IV para crianças e adolescentes seguir critérios semelhantes ao diagnóstico em adultos (Dyregrov & Yule, 2006; Hawkins & Radcliffe, 2006).

O Transtorno de Estresse Pós Traumático é mais freqüente entre meninas, jovens com história familiar de uso e abuso de álcool e um longo período de exposição aos maus- tratos (Linning & Kearney, 2004). Especificamente, em casos de crianças vítimas de abuso sexual, a prevalência do TEPT pode variar entre 20 a 70% dos casos (Nurcombe, 2000), sendo que meninas tendem a desenvolver mais sintomas de TEPT do que os meninos, em torno de 35% e 20% dos casos, respectivamente (Ackerman e Cols., 1998).

Há uma elevada presença de comorbidade psiquiátrica nos casos de TEPT infantil, incluindo Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno Desafiador Opositivo, Transtorno de Conduta, Transtorno Obsessivo-Compulsivo, Transtornos de Humor, Transtorno de Ansiedade de Separação, Transtorno de Ansiedade Generalizada, Transtorno de Pânico e Esquizofrenia (Famularo e Cols., 1996; Ackerman e Cols., 1998; Perrin e Cols., 2000).

Guimarães, Farias e Barbosa (2005), destacam que o trabalho das instituições de enfrentamento da violência como o CREAS devem funcionar como operadores da lei, da interdição no contexto familiar, contudo vale a pena salientar que a interdição é mais facilmente elaborada quando são criadas alternativas substitutas para a realização do desejo. Para tal, é necessário que o trabalho psicoterapêutico seja extensivo aos familiares, evitando que a violência não se torne recorrente. Santos, Costa e Silva (2011), destacam a importância de intervir na família abusiva, pois sua narrativa denota

uma condição de fragilidade, de vínculo social evidenciando as marcas de vulnerabilidade e exclusão.

A intervenção nos centros de enfrentamento da violência como o CREAS pode ser presumida como sendo um movimento dinâmico que visa o trabalho coletivo cuja efetividade está ligada às ações conjuntas e compartilhadas como verdadeiras “teias sociais”, as quais sustentam trabalhos fundamentais que tendem contribuir com subsídios para a qualificação do serviço de enfrentamento à violência, ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. Sobretudo, tendo em vista que as formas de enfrentamento estão para além dos serviços e programas sociais, são questões que não se resumem em âmbito local, pois estão disponíveis para toda a sociedade contemporânea (Deslandes, 2004; Oliveira, 2004; Pedersen, 2010; Macedo e Cols., 2011).

Azevedo e Guerra (2009) definem o trabalho de rede como a interligação de núcleos multidisciplinares voltados para os direitos das crianças, viabilizando para que o trabalho possa ser articulado no que tange ao atendimento, capacitação e prevenção desses casos de violência no seio familiar. O trabalho realizado em rede evidencia uma mudança de paradigma no entendimento das relações e dos fenômenos humanos. A rede desenvolve um padrão de organização das relações, contrapondo-se ao modelo hierárquico e individualizado por se caracterizar pelas relações horizontais não lineares e auto-organizativas (Santos, Costa & Granjeiro, 2009).

Sei e Motta (2008) e Pinto Jr. e Tardivo (2008) reforçam a importância do trabalho psicoterapêutico em casos de abuso sexual infantil ser extensivo às famílias disfuncionais em razão da confusão de papéis, da dificuldade de comunicação e, de acordo com isso, ressaltam que além dos trabalhos em grupo, em muitos casos, é mais aconselhável a psicoterapia individual, posto que oferece um espaço de superação da resistência com a finalidade de elaboração da vivência. Nessa perspectiva, a terapia individual respeita o ritmo do paciente, impondo limites, pensando a partir da subjetividade, a coletividade. Assim, a intervenção terapêutica busca a reconstrução dos objetos internos, visando prevenir desajustes futuros de ordem emocional.

A fim de minimizar tal sofrimento, as instituições buscam organizar-se para compor uma rede congruente de acolhimento desse tipo de violência. O CREAS faz tal

articulação com as seguintes instituições: Conselho Tutelar, Ministério Público, Poder Judiciário, Conselho Municipal de Assistência Social, Instituições de Política, da Educação, Instituições de Política de Saúde, Abrigo, programas e serviços da rede de proteção básica e Departamento Municipal de habitação. Outros programas que compõem a rede de proteção especial, além do trabalho de acompanhamento que pode ser recorrido ao Centro de Atenção Psicossocial infantil (CAPSI), estão as escolas da rede municipal e estadual, abrigo municipal e centros profissionalizantes que podem receber o encaminhamento gerido pelo CREAS no sentido de sistematizar a referência e a contrarreferência, conjuntamente com a rede de serviços socioassistenciais. Destaca-se que a rede mediada pelo CREAS não deve funcionar como algo desfragmentado da política de assistência social, mas como um de seus instrumentos, isso é, como um modelo de gestão unificada da política em todo o território nacional, priorizando a organização das três esferas de governo no que se refere à gestão compartilhada, da divisão pactuada de competências e de seu efetivo cofinanciamento (Brasil, 2005; Habigzang e Cols., 2006; Pereira, 2007; Souza e Cols., 2008; Pedersen, 2010).

Para combater o abuso e a exploração sexual de forma efetiva, um procedimento importante adotado pelo CREAS é a composição de uma equipe multidisciplinar, principalmente porque o abuso sexual é um fenômeno complexo que envolve questões jurídicas, psicológicas e sociais para compreender as múltiplas problemáticas envolvidas (Souza, 2009). Diante da complexidade da problemática, o atendimento multidisciplinar no CREAS às vítimas e às suas famílias é sistematizado da seguinte forma: entrevistas de acolhimento para avaliação inicial, atendimento em grupo, atendimento individual, como também são prestados outros tipos de serviços como o acompanhamento e monitoramento dos encaminhamentos realizados. Ainda, são feitas visitas domiciliares, ações de sensibilização, mobilização para o enfrentamento da violação de direitos, capacitação da rede de atendimento, psicoterapia individual, atendimento jurídico (Brasil, 2005; Pedersen, 2010).

Furniss (1993) cita o cuidado na formação das equipes para que o manejo com esses casos seja adequado. Visto que, essas situações envolvendo abuso sexual são consensualmente complexas e, muitas vezes, torna-se um desafio para equipe proteger a vítima e auxiliar nesse processo de maneira eficaz.

Diferentes intervenções têm sido propostas para o atendimento de vítimas de abuso sexual (Brino & Williams, 2003; Padilha & Gomide, 2004). De acordo com Habigzang e Caminha (2004), a terapia cognitivocomportamental tem apresentado resultado superior ao de outras abordagens não focais no tratamento da violência sexual; porém, mais importante que a teoria subjacente ao atendimento, é proporcionar um ambiente em que a vítima se sinta acolhida e segura.

Objetivos

Adaptar e aplicar uma intervenção em grupo dirigida a adolescentes vítimas de abuso sexual que frequentam um Centro de Referência Especializada Assistência Social (CREAS).

Método

Participantes

Seis adolescentes que foram encaminhadas para o CREAS, por serem vítimas de abuso sexual.

Crterios de inclusão: saber ler e escrever; idade entre 12 anos e 18 anos completos; que estivessem realizando ou esperando atendimento no CREAS. A seguir é apresentado um breve histórico de cada Participante.

Participante 1 (P1) - 18 anos.

Foi abusada pelo primo quando tinha oito anos de idade. Os abusos tiveram duração de um ano e meio. Na época o primo morava no mesmo terreno que a Participante. Até hoje a participante não contou para os pais, somente para a irmã mais velha. Esta irmã também foi abusada pelo mesmo primo. Hoje em dia mora com os pais, e com duas irmãs. Ainda tem contato com o primo, pois ninguém da família tem conhecimento do abuso. Não prestou queixa na delegacia.

Participante 2 (P2) - 16 anos.

Foi abusada quando tinha 14 anos, pelo namorado da tia. O abusador e a tia eram usuários de crack. No dia dos fatos, a participante foi até a casa da referida tia, auxiliar nos cuidados do primo, recém-nascido, quando então, sofreu o abuso. A primeira pessoa a quem contou foi para a mãe, que imediatamente após tomar conhecimento levou-a para a delegacia da mulher. Local no qual foi realizado exame de corpo de delito bem como houve a ingestão do coquetel para o HIV. Na ocasião, a assistente social comprou para ela a pílula do dia seguinte. O abusador foi assassinado

dois dias depois do abuso. Rumores indicam ter o crime ocorrido em razão do tráfico de drogas. A participante reside com o namorado e esta grávida de três meses. Parou de estudar, pois dias antes que começariam as aulas ela foi abusada.

Participante 3 (P3) - 15 anos.

Foi abusada duas vezes, quando tinha 11 anos. A primeira vez ocorreu quando ela morava na casa do pai com a madrasta. Ela e o irmão dormiam em um sobradinho atrás da casa. Numa noite o amigo do pai foi até o local e abusou sexualmente da participante que sofreu ameaças caso contasse para alguém. Assim, não o fez. Após este dia, saiu de casa e foi morar em um posto de gasolina onde conseguiu emprego e moradia. O abusador foi um homem que morava no mesmo bairro, entrou em seu quarto e a estuprou. Contou para a irmã mais velha um ano depois quando então, fizeram um boletim de ocorrência sendo após, encaminhada para o CREAS. Atualmente reside com o companheiro, o qual chama de marido, de 34 anos, e esta no nono ano do ensino fundamental.

Participante 4 (P4) - 14 anos.

Foi abusada pelo padrasto quando tinha nove anos. O abuso aconteceu por mais de um ano. A mãe desconfiava do jeito dele com a participante, mas este afirmava não cometer abuso algum. Então ela acabou contando para a avó porém, as duas não quiseram fazer a denúncia com medo que o abusador pudesse ser agredido na rua. Este então foi mandando embora pela mãe, a qual levou os dois irmãos mais novos, da qual a participante é irmã por parte de mãe.

Sofreu ameaças para não relatar o acontecido à sua genitora. Em razão de seu comportamento demasiadamente introvertido, sua mãe foi chamada para comparecer à escola, quando então foi encaminhada CREAS.

Hoje em dia frequenta a quinta série. Tem muita dificuldade na escrita e leitura. Ainda tem muitos pesadelos e medos à noite.

Participante 5 (P5) - 15 anos.

Era abusada pelo padrasto. Tinha sete anos quando começou. O abuso perdurou por dois anos, até que então esta, engravidou. A partir disso os crimes foram descobertos.

Na época, com nove anos de idade, foi levada ao hospital devido a forte enjôo onde na ocasião, a médica ginecologista percebeu que poderia se tratar de um abuso, devido às respostas que eram proferidas às suas indagações feitas com relação a quem seria o suposto pai do nascituro. Em decorrência disso foi acionado o Conselho Tutelar e dessa forma a mãe ficou sabendo sobre o abuso.

O caso foi levado para a delegacia da Mulher e do Idoso, sendo remetido ao Poder Judiciário. Com pleito de realização do aborto legal, porque decorrente do crime, cuja decisão do mérito foi favorável. Nesta mesma ocasião, a participante foi levada para um hospital, local em que foi realizado o procedimento e a curetagem. No outro dia teve muito sangramento e foi levada novamente para o hospital para ser medicada.

Participante 6 (P6) - 13 anos.

Foi abusada quando tinha quatro anos pelo padrasto. O mesmo abusador de sua irmã, (P5). A mãe na época não sabia dos abusos. O abusador fazia ameaças para que ambas não contassem para a mãe sobre o abuso. Houve violência física por parte do abusador com a participante. Hoje ela esta frequentando a escola no bairro aonde reside. Mora com a mãe, a irmã e outro padrasto.

Local

As sessões foram realizadas no CREAS de uma cidade no interior do Sul do Brasil. O local era composto de uma sala de aproximadamente 30 metros quadrados, contendo uma mesa com oito lugares, carpete, almofadas, TV, DVD e espelhos. As sessões foram feitas nas terças - feiras à tarde, das 14hs às 16hs. Após o encerramento de cada sessão era oferecido um lanche às participantes. Todas as sessões foram gravadas em áudio e anotadas, com permissão das mesmas.

Equipe Terapêutica

O trabalho foi realizado pela Pesquisadora juntamente com a Psicóloga da Instituição.

Instrumentos

Roteiro de entrevista para avaliação de abuso sexual (Habizgang 2012): Como é seu nome? Meu nome é Priscila Viana Kich. Você já conversou com uma psicóloga antes? Quantos anos você tem? Com quem você mora? Em que série você esta? Você tem amigos na escola? E perto da sua casa? O que você costuma fazer quando não esta na escola? Que atividades gosta de fazer? Agora que já nos conhecemos um pouco, gostaria de saber se você sabe o porque esta aqui? Como isso acontecia? Os abusos deixaram de acontecer ou ainda acontecem? Que idade você tinha quando o abuso aconteceu pela primeira vez? O abuso aconteceu mais de uma vez? Você contou que isto estava acontecendo para alguém? Para quem contou? Você sofreu algum tipo de ameaça para não contar sobre o abuso? (Nome do agressor) alguma vez bateu ou xingou você?

Procedimentos

Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (552.817/2014)(Anexo 1) e da Diretora do CREAS (Anexo 2), foram realizados contatos com a Psicóloga do local para definir a seleção das adolescentes que seriam convidadas a entrar no grupo. No recrutamento das participantes, houve esclarecimento dos objetivos do trabalho. Todas as participantes deram Consentimento Informado. A Psicóloga da Instituição já conhecia as estas e conversou com as mesmas individualmente.

Foi devida e minuciosamente explicado que o grupo participante tinha a finalidade de falar sobre o abuso sexual. Da mesma forma, foi esclarecido que a Pesquisadora as estava convidando por ter conhecimento do problema pelo qual haviam passado e que estas participariam de um trabalho científico que fazia parte de uma dissertação de Mestrado e que seria uma chave importante para a realização deste estudo. Também foi ressaltado sobre a questão ética, pois os nomes não seriam relatados, mas sim suas experiências vividas no grupo. Foi claramente informado de que

a participação neste trabalho era livre e espontânea e serviria também como uma forma e oportunidade de ajuda para as mesmas.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e explicado para cada participante do grupo (Anexo 3). Após explicitado, foi proferida a seguinte frase às participantes: “reflita a respeito e se você achar que é seu momento, me avise.” Das oito adolescentes convidadas, seis aceitaram participar.

As seis adolescentes foram entrevistadas individualmente pela terapeuta, antes do início do processo de grupo. O objetivo destas entrevistas foi coletar dados sobre as Participantes do ponto de vista delas mesmas, para uma comparação posterior com outros dados apresentados durante o processo terapêutico. Foi utilizado um protocolo de entrevista Habizgang (2012), descrito nos instrumentos. O processo de grupo foi iniciado, seguindo o esquema de fases demonstrados na Tabela 1.

Tabela 1: Fases do trabalho em grupo.

Fase	Objetivo da fase	Sessão	Objetivo da sessão	Estratégias
Fase I – Preparação	Dessensibilizar para facilitar a auto-exposição	1	Fazer a apresentação das integrantes grupos e terapêuticos.	Técnica de apresentação.
		2	Dessensibilizar para que o grupo possa se conhecer mais.	Dinâmica com balões.
		3	Identificação.	Trabalho com gravuras.
		4	Percepção de mudança de comportamento.	Confecção de uma carta.
		5	Internalização de memórias.	Dinâmica das Memórias boas e ruins.
		6	Facilitar a auto expressão.	Confecção com argila.
Fase II – Revelação e exposição de sentimentos	Facilitar a revelação do abuso sexual, promover a exposição de sentimentos	7	Dessensibilizar para falar do abuso sexual.	Filme Ela é Poderosa.
		8	Debate sobre o filme.	Questionário.
Fase III – Aceitação	Discutir a aceitação do abuso sexual e seu lugar na história de vida da pessoa	9	Falar sobre as cicatrizes do abuso.	Quebra cabeça.
		10	Retomar atividade sobre Memórias.	Escrever sobre abuso.
Fase IV – Prevenção	Facilitar a aprendizagem de comportamentos	11	Prevenção.	Filme Confiar
		12	Avaliar os riscos do abuso.	História da Rosinha.

de auto- proteção que impeçam a revitimização	13	Encerramento.	Confraternização e Encerramento.
--	----	---------------	-------------------------------------

Análise de Dados

O objetivo foi avaliado na análise dos relatos de cada sessão, com a comparação da auto-exposição na entrevista inicial e auto-exposição a cada fase do processo terapêutico de da Entrevista Inicial.

RESULTADOS

Entrevistas preliminares

Cada participante foi entrevistada individualmente e foram gravadas com a autorização de cada uma. As Tabelas 2 a 7 mostram as respostas de cada participante uma a uma (Anexo 5, Tabelas 2 á 7).

Tabela 8. Agora que nos conhecemos um pouco mais, você sabe por que esta aqui?

Agora que nos conhecemos um pouco mais, você sabe por que esta aqui?

Participante 1	Por causa do negócio lá que eu sofri
Participante 2	Sim, em função do abuso. Porque eu fiquei muito mal depois do que aconteceu porque eu achava que ia acontecer com os outros e comigo eu achei que nunca ia acontecer. Primeiro que os exames que eu fiz no IML foi horrível. Porque toda mulher que passa por um ginecologista. E eu fico pensando, porque que eu tive que passar por isso, porque eu nunca tinha ido ao ginecologista e porque eu tive que passar por isso, só por causa dele, por que ele fez isso. Complicado. A gente se sente meio que humilhada. Daí na delegacia prestar depoimento porque se ele não tivesse feito nada eu não precisaria estar lá. Passa muita coisa na sua cabeça.
Participante 3	Por causa do grupo né, as meninas que sofreram abuso.

Participante 4	Para conversar com vocês
Participante 5	Porque eu fui abusada.
Participante 6	Por causa do abuso.

Tabela 9. Como isso acontecia?

Como isso acontecia?

Participante 1	<p>Eu nem lembro direito a quanto tempo faz, eu devia ter uns 8, ou 9 anos. Era com o meu primo. Ele morava atrás da minha casa, porque o pai deixou eles morarem no mesmo terreno. E morava ele e mais dois irmãos dele. Eu não lembro muito bem. Mas ele me chamava para ir lá e eu ia, bem boba. Ah ele fazia um monte de coisa, ele passava a mão em mim, passava Mao nas minhas tetas, ficava se esfregando, ficava me beijando, me pegava no colo. E a minha mãe não sabe dele, não sei, acho que ela desconfiava. E uma vez, ele mandou eu sentar la no sofá, e eu era bem boba eu fazia tudo. E quando eu sentei no sofá ele enfiou o dedo la dentro e eu gritei e a mãe escutou quando eu gritei. E eu falei para a mãe que ele estava fazendo cosquinha em mim. E eu acabei não falando. Mas doeu por isso que eu gritei. E ele sempre fazia isso, e uma vez ele mandou eu chupar o pinto dele. Mas ele nunca fez comigo, não teve penetração. Com a minha Irma também, ele já abusou da minha Irma, ela também vinha aqui. Ele também já beijou ela. E uma vez ele tava la em casa, e ele mandou ela pegar uma coisa no bolso dele e o bolso estava rasgado e pegou no pinto dele, e ela saiu correndo. E tinha um outro primo meu, que também ele era assim bem nojento. Irmão dele. Mas desse eu não contei para a Márcia. Ele também passava a Mao em mim. E uma vez ele pegou e tinha uma espingarda, e eu pedi para dar um tiro lá no mato. E ele disse: Só se você vier aqui, ele me pegou me encostou na parece, colocou o pinto para fora e ficou esfregando na minha pomba sabe? E eu queria sair ele não deixava. Eu queria sair ele não deixava e ele esfregou e depois ele foi embora. E depois eu estava com a calcinha toda molhada e eu não sabia o que era, mas ai agora eu sei que ele gozou. Hoje assim que eu vejo que eu sei o que é. Um dia também, ele estava La na minha casa e acho que minha mãe</p>
----------------	--

estava no quarto, ai ele me pegou no colo e ficou se esfregando em mim.

(Priscila) Quantos anos eles tinham na época? Hoje eles são casados tem 40 e poucos. Devia ter uns 20 anos. E o outro tinha 18, porque hoje ele tem 28.

Participante 2

Foi só uma vez. Porque assim, eu morava com meu pai, aonde eu morei, mas meu pai não mora mais lá. Ai a minha tia me ligou que morava em outra cidade e me ligou para ajudar a cuidar das crianças e quando eu vim ele estava preso e não deu uma semana ele saiu. Só que eu não dei bola. Ele era o marido da minha tia Irma da minha mãe. Só que eu nem falava com ele, para justamente não causar ciúmes nela. Ai eles usavam drogas, ela não estava mais usando, ai tem o meu amigo que ele tem oito ou nove anos e agora ele ta em outra cidade com a minha bisavô e a filha dele. E os dois estavam no quarto comigo dormindo, isso era um domingo de noite, e eu ia na igreja com a minha mãe, mas começou a chover e eu fui deitar. E nisso ela saiu e eu acordei. Ai eu sentei no sofá para assistir e ela voltou. Ai ele mandou ela sair denovo, ai eu sei que ele entrou no banheiro e quando ele voltou ele já me pegou a força só que eu fiquei com medo de contar, porque ela já tava drogada e ele ia acabar pegando nos duas. E no outro dia ia começar as aulas, só que eu não tinha feito a minha matricula ainda. Ai falei, ah vou lá na mãe para fazer a minha matricula. Ai cheguei lá na mãe e contei para a mãe. Porque eu não queria que acontecesse denovo. E aconteceu na casa dela (tia). Porque era assim, tinha o banheiro, a cozinha e o quarto. E no quarto dormia todo mundo, não tinha porta. Daí ele me pegou pelo braço, eu ate tentei gritar e tudo mais, mas não deu porque ele me bateu. Ele me agrediu e me levou para o quarto. Ai eu não dormi depois. Mas os dois saíram. E voltaram no outro dia de manhã. Ai deu dois dias eu acho, ele morreu. E o que esta acusado de matar ele é o marido dessa minha amiga que esta aqui. Por isso que eu acho que eu fico muito perto dela, e eu me sinto culpada por ele estar preso. Porque ele foi acusado de ter matado ele (marido da amiga), e todo mundo fala que foi por minha causa, só que nunca ninguém provou, eu acho que não é por minha causa porque eu nem conhecia ele eu conhecia ela, e só conhecia de vista, eu não falava muito com ela. E ai acho que é por isso que eu fico muito perto dela. Até para saber como é que ele esta, por que eu me sinto um pouco culpada. Ele é acusado de ser mandante do crime (marido da amiga). Eu acho que era por droga. Ai depois de dois dias, minha tia me

bateu na rua, porque ela dizia que eu era a culpada de ele ter morrido, e que tinha sido por minha causa. Tanto é que eu fiquei mais uns três meses aqui e para ir no mercado eu levava junto meu irmãzinha pequena comigo porque eu já me sentia segura com ela. Na época ela tinha dois aninhos e agora vai fazer quatro anos. Eu tinha que levar ela comigo porque eu não conseguia sair na rua. Ai eu fiquei três meses aqui e fui para outra cidade que a minha tia veio me buscar. Porque nossa, no começo era muito ruim, mas agora eu ate consigo falar. Mas antigamente eu não conseguia nem falar sobre isso.

Participante 3

Silêncio.

(Priscila) Quer que eu te ajude a ir por partes? Pois eu sei que é difícil de falar.

(Priscila) Quantos anos você tinha na época? Eu tinha 11 anos. Eu morava com meu pai e minha madrasta e depois eu estava na casa de uma mulher que tinha uma lanchonete. Que tipo, ela cuidava de um posto de gasolina e tinha uma lanchonete onde os caminhoneiros paravam. E eu morava lá.

(Priscila) Então a primeira vez foi na casa do seu pai quando você tinha 11 anos?

Sim a primeira vez sim. Foi com um amigo do meu pai. Ele frequentava a casa. Eles bebiam junto. Quando meu pai estava em casa ele ia.

(Priscila) Como aconteceu? Foi na sua casa mesmo? Minha madrasta era ruim para a gente. Para mim e para meu irmão. E atrás de casa tinha tipo um sobradinho. E ela colocou a gente dormir la. E de noite ele foi lá e...

(Silêncio).

(Priscila) E teu irmão estava junto?

Não me lembro.

(Priscila) E o que ele fez este dia?

Ele me agarrou. E me estuprou.

Participante 4

Não consigo.

(Priscila) Posso te ajudar? Sim. Agora você tem 14 anos, e quando isso acontecia? Quando eu tinha nove ou 10 anos. E aconteceu com o pai dos meus irmãos. Ele é o pai dos dois pequenos. Eu sou a terceira filha. Na época eu tinha nove anos. Eu contei para o meu namorado. Ficava grudada nele. Eu não dormia, tinha pesadelos ate a mãe chegar para eu dormir. Com medo que a minha irmã que já era maior, e nós dormia em cama

separada e como foi isso, aconteceu a gente dormia em cama separada. E quando a minha mãe trabalhava de noite que aconteceu. Na época a mãe trabalhava a noite. E eu não dormia, com medo que pudesse acontecer. E ainda se hoje eu estiver com uma pessoa estranha eu fico ansiosa, com medo. E só de homens.

(Priscila) E quando você tinha nove anos o que ele fez? Ele só te tocava? Houve o sexo? Houve, ele me pegou mais de uma vez. Com a minha irmã não chegou a acontecer, porque ele era padrasto de nós. Mas ela era mais chegada a ele, chamava ele de pai e eu não, não que eu não tinha sentimento, porque eu não tive meu pai né, aí eu fui mais... Estes dias ele veio para cá (padrasto) ele ficou lá na minha vó e eu não fui. Porque eu não consigo olhar para ele sem imaginar. Meu namorado cortou o cabelo igual ao dele, eu o olhava e imaginava ele. E aquilo só fica na minha cabeça, não sai.

(Priscila) E quando aconteceu, você estava em casa?

Sim, estava em casa.

Participante 5

Eu tinha mais ou menos cinco anos de idade quando tudo começou. Eu gostava dele, ele tratava nós que nem filha, era meu padrasto. Até que um dia ele pediu para minha irmã (P6), ir até um mercado que era bem longe e me abusou. E eu era muito pequena, ele me abusava só anal, nunca foi pela frente, ao contrário da minha irmã. Eu não entendo, porque ele tinha a minha mãe para fazer isso porque ele fazia com nós. Mas durante muito tempo eu não sabia que ele abusava da minha irmã também. A gente não se contava. Ele dizia que se eu contasse ele mataria ela e minha mãe. Por isso eu nunca falei. A mãe gostava dele. Ela trabalhava direto fora chegava só a noite, e a gente tinha medo que ele matasse ela. Ele sempre ameaçava. Até que um dia eu e minha irmã contamos uma para a outra e choramos um monte. Tinha vezes que ele ia abusar de uma de nós duas e eu fingia que estava dormindo para ele não me pegar. A minha irmã tentava pegar a minha mão, tentava ver se eu acordava e eu fingia que estava dormindo, porque se ele visse que eu estava acordada ele ia me pegar. Me arrependo muito disso que eu fiz com ela (choro). Mas eu tinha muito medo que ele me pegasse. E quando ele queria abusar da minha irmã, ele me mandava naquele mercado que era bem longe e eu ia correndo para voltar a tempo de ele não fazer nada com ela, mas quando eu voltava sabia que ele já tinha feito. Eu ia correndo e chorando até o mercado. E quando eu dizia

que eu não queria ir, ele me batia. Na minha irmã ele não batia, mas eu ele sempre batia. Tudo o que eu fazia era errado, ai ele me batia. E eu não entendo porque que comigo era só anal e minha irmã não? Tenho muita raiva disso. Ele me machucava muito.

Participante 6 Eu era abusada em casa. Eu tinha uns sete ou oito anos quando começou. Ele mandava a minha irmã mais nova (P5), ir no mercado ou mandava ela fazer alguma coisa e me abusava. Ele sempre dizia que se eu contasse para alguém ele mataria as duas. E depois de um tempão eu descobri que ele abusava da minha irmã também. E o que eu mais sofro hoje em dia, porque eu não ajudei ela. Porque eu não fiz nada. Eu tinha medo que ele matasse a minha mãe e ela também. Ele sempre me ameaçava. A mãe nunca soube, a gente não contava, por medo.

Tabela 10. Os abusos deixaram de acontecer, ou ainda acontecem?

Os abusos deixaram de acontecer, ou ainda acontecem?

Participante 1	Nunca mais aconteceu.
Participante 2	Foi só uma vez.
Participante 3	Uma vez só, com dois homens diferentes.
Participante 4	Não acontecem mais.
Participante 5	O abuso parou de acontecer quando um dia eu tinha nove anos e estava em casa e vomitava direto, tinha muita náusea e a mãe me levou no postinho, para ver o que era. E uma ginecologista veio me atender e já viu que eu estava grávida e pediu de quem eu estava grávida, eu menti que era de um colega. Ele (abusador), sempre dizia que se um dia eu ficasse grávida era para dizer que era de um colega da escola. E chegou em um momento que a ginecologista percebeu que tinha alguma coisa errada, e já chamou o Conselho Tutelar, e avisou a minha mãe. A mãe ficou me perguntando quem era esse colega que eu tinha engravidado, até que eu comecei a chorar e contei para ela que eu era abusada. Eu já estava de dois meses, e conseguiram uma liminar para que eu pudesse abortar. Na hora minha mãe perguntou se era isso que eu queria, mas ao mesmo tempo a médica disse que eu corria risco de vida, porque eu era muito novinha. Fui levada para um Hospital, e lá fizeram o aborto. Mas eu quase morri. Porque voltei para casa e não parava o sangramento e tive que voltar para o hospital. Até hoje isso me dói muito porque eu matei uma criança, mas ao mesmo tempo eu

também era uma criança, eu não ia ter condições de cuidar deste bebe. Mas choro até hoje se é o que eu deveria ter feito mesmo.

Participante 6 Aconteceu por anos, até a mãe descobrir que a (P5) estava grávida. Aí o Conselho veio falar comigo também e eu contei tudo. A mãe no dia que soube lá no hospital, ela veio para casa sozinha para matar ele. Mas ele conseguiu fugir. Mas um dia, ele estava viajando, e pararam ele em uma blitz na policia rodoviária, e viram que ele era foragido. E foi preso. E o que mais me deixa tranquila sabe o que é? Me contaram que na cadeia, os homens que são estupradores, eles passam a mesma coisa que ele fez com a gente. Então isso me conforta que ele passa lá dentro tudo o que ele fez comigo e sabe como é.

Tabela 11. Que idade você tinha quando o abuso aconteceu pela primeira vez?

Que idade você tinha quando o abuso aconteceu pela primeira vez?

Participante 1	Oito ou nove anos
Participante 2	Quatorze anos.
Participante 3	Onze anos
Participante 4	Nove anos.
Participante 5	Cinco anos.
Participante 6	Sete anos.

Tabela 12. O abuso aconteceu mais de uma vez?

O abuso aconteceu mais de uma vez?

Participante 1	Durou um ano mais ou menos.
Participante 2	Não.
Participante 3	Duas vezes, com dois homens diferentes.
Participante 4	Foi mais de um ano, até a minha mãe descobrir. Ele ficava passando em mim, ate que um dia ela viu. A Irma mais velha sabia. Mas ela dizia que ia contar para a mãe (irmã), e eu dizia para ela contar, mas ela também não contava. Era todos os dias. Ficava o dia todo sozinha e quando minha irmã saía, eu me apavorava. Quando ele me chama mesmo quando a minha

irmã estava em casa eu não ia. E quando não tinha ninguém, ate assim um dia minha mãe chegou do serviço estava eu e minha Irma. Ele apareceu na sala só de cueca e nos tava conversando com a mãe e ele passava a mão em mim, e eu saia de perto e a mãe não via. Eu tinha medo de contar que ele fosse fazer alguma coisa.

Participante 5 Sim, muito tempo.

Participante 6 Sim, por anos.

Tabela 13. Você contou que isto estava acontecendo para alguém?

Você contou que isto estava acontecendo para alguém?

Participante 1 Nunca tinha contado para ninguém. E ano passado eu contei para minha Irma e para a uma amiga. E acho que elas contaram para a Psicóloga do CREAS, por isso que ela me chamou. E foi aqui que eu contei, mas não tinha contado tudo assim. Só quem sabe é minha irmã, minha prima e vocês aqui.

Participante 2 Sim.

Participante 3 Eu como não morava muito com meu pai. Eu não queria morar com a minha madrasta. Eu ficava assim com os vizinhos. Eu pedia para ir na casa dos vizinhos.

Participante 4 Contei para a minha irmã, mas não adiantou nada.

Participante 5 Sim. Mas só depois que a minha irmã ficou grávida e descobriram.

Participante 6 Sim, quando fiquei grávida.

Tabela 14. Para quem contou?

Para quem contou?

Participante 1 Acho que a minha irmã contou para a minha mãe. A minha mãe sempre odiou ele. E a minha Irma queria que contasse para meu pai. Mas eu não quero que conte. Por mim eu não tenho medo, mas ia acabar com a vida

	<p>dele. Ele é casado com uma prima minha (abusador) .Vai acabar com a vida dele. Mas a minha irmã queria que contasse para o meu pai. (Priscila) A sua mãe já te questionou sobre isso? Não. Ela só não goste que eu fale com ele. Mandou eu excluir ele do facebook. E antes também, a uns dois anos eu trabalhei com ele numa padaria que era dele, e tipo assim...Era normal. Ele nunca mais fez nada para mim. Só que ele acha que eu não lembro. E a minha Irma fica brincando sobre isso. La em casa é tudo na brincadeira e minha mãe sente pena de mim e não gosta disso. E eu não falo para ela porque eu tenho vergonha.</p> <p>(Priscila) Porque você tem medo de contar para seu pai? Porque eu tenho de que ele possa fazer alguma coisa.</p>
Participante 2	<p>Para a minha mãe. Na hora ela já ligou para meu padrasto, a gente já saiu e foi para a polícia. Só que ele meio que percebeu que eu ia contar para a minha mãe, ai a gente chegou com a policia na casa dele e ele não estava mais. Só tava a minha tia. Isso aconteceu no dia 13 e ele morreu no dia 16. Eu me senti mal, mas ao mesmo tempo aliviada. Porque como eu ia sair na rua sabendo que ele estava solto. No queria que ele morresse, obvio, só queria que ele fosse preso. Mas me senti aliviada.</p>
Participante 3	<p>A vó e a mãe souberam, mas disseram que não era para contar para ninguém, porque iam bater nele ou coisa assim e a mãe naquele dia até pensou em ligar para a polícia. Mas ai não sei o que deu que a mãe levou nos lá para a nossa vó. E eu fiquei assim pensando: O que ele vai fazer com a minha mãe. Com medo, né. E nos ficamos na minha avó e a mãe ficou lá com a gente e ele ficou lá (casa). Ele saiu de casa porque a mãe pediu para ele sair.</p> <p>(Priscila) E hoje ele mora aonde?</p> <p>Em Caçador. Ele hoje tem outra mulher, e a mulher tem uma filha de 14 anos também. Meus irmão vão La visitar ele.</p>
Participante 4	Contei para a minha irmã, mas nada adiantou.
Participante 5	Minha mãe e Conselho Tutelar.
Participante 6	No hospital para minha mãe, para a médica e o Conselho que foi acionado.

Tabela 15. Você sofreu algum tipo de ameaça para não contar sobre o abuso?

Você sofreu algum tipo de ameaça para não contar sobre o abuso?

Participante 1	Não me ameaçava. Uma vez só ele disse que não era para eu contar para a mãe.
Participante 2	Quando eu achei que tinha tudo acabado a minha tia começou a me perseguir. E até hoje se ela voltar eu tenho medo. Hoje ela engravidou e mora em outra cidade. Eu não fico aqui se ela voltar. Tenho trauma. E ela acha que eu estou em outra cidade ainda, porque se ela sabe que eu to aqui, acho que ela volta. Ela disse para a mãe que tudo já passou, mas ela não e de confiança, ela pode dar o bote. E ela dizia que a família dele queria me matar, mas e tudo mentira dela, porque ate hoje eu passo por eles e a gente se cumprimenta. Porque eu soube depois que eu não fui a primeira que ele tinha feito isso já com outra menina. No dia mesmo ele tinha usado muito, tinha bebido meio litro de whisky. E depois tinha um primo dele que havia comentado com ele, e a minha mãe disse: Porque você não avisou a menina, porque eu tinha ido na casa deles. Mas ele disse que não deu tempo, não consegui falar com ela.
Participante 3	Ele me chingou um monte aquele dia. E depois eu não andava sozinha. Sempre com alguém do meu lado. (Amigo do pai).
Participante 4	Se você contar para a sua mãe eu vou te bater e ela vai achar que é mentira.
Participante 5	Ele sempre dizia que ia matar minha mãe, minha irmã e depois eu. E me batia sempre.
Participante 6	Dizia que ia matar nós três. Eu, minha mãe e minha irmã.

Tabela 16. Alguma vez ele bateu ou xingou você?

Alguma vez ele bateu ou xingou você?	
Participante 1	Não.
Participante 2	Somente no dia.
Participante 3	Não me bateu, só me xingou. (Priscila) E como você acabou indo morar na lanchonete? Eu não lembro. Eu escolhia aonde eu ia morar. Primeiro eu estava na casa de uma mulher né. E ai eu não queria mais ficar lá, porque ela era cheia de homem. E ai ela me levou para essa mulher. Porque essa mulher precisava de alguém para limpar (lanchonete), ajudar essas coisas. E eu peguei e fui. Eu tinha 11 anos.

(Priscila) E neste mesmo ano aconteceu o abuso denovo? E foi com quem?
Foi com outro cara. Ele morava no mesmo bairro. Só que tipo, eu nunca tinha falado com ele sabe?

(Priscila) Aonde aconteceu?

Foi no quarto. No meu quarto. Ele me estuprou. Não contei para ninguém porque eu tinha medo. Tinha vergonha também né. Ele me ameaçou, tipo era normal essas coisas.

Participante 4	Ele me batia. Me batia sempre, nem sempre quando ia fazer alguma coisa.
Participante 5	Sempre, por qualquer coisa. Acho que ele me odiava.
Participante 6	Não me batia. Era raramente quando eu desobedecia.

Tabela 17. E o que aconteceu depois que contou sobre o abuso?

E o que aconteceu depois que contou sobre o abuso?

Participante 1	Eu me senti mais leve. Mas mesmo assim a gente leva tudo na brincadeira. Mas não é brincadeira. Mas só isso. E eu só pedi para ela não contar para a me, mas mesmo assim ela contou.
Participante 2	Eu fui para a casa depois, na hora eu não fui para não deixar as crianças sozinhas. E ai já fomos para a delegacia e fomos na casa deles e ele já não estava mais, ai voltamos para a delegacia. Demorou mais ou menos uma hora para fazer os papeis, e depois a gente foi lá no IML de Balneário na delegacia da mulher. La eu fiz todos os exames, corpo e delito. E ate a roupa que eu estava eles pediram para eu deixar, e a gente foi lá no Ceres, e eu tomei um monte de vacina outros exames de sangue, me deram o coquetel para HIV. Depois fui para o hospital onde tomei mais umas injeções e ai a assistente social foi tão gente boa que passou na farmácia e comprou a pílula do dia seguinte. Que nem camisinha ele usou. E a gente veio para casa, esperou os exames chegarem e logo eu comecei a vir no CREAS. E ai eu fui prestar depoimento que até a Márcia (Psicóloga do CREAS), mas no caso dele eu só fui prestar depoimento porque ele já tinha falecido, e contra a minha tia. E depois disso fiquei mais um tempo no CREAS e já fui para outra cidade. Fiquei lá seis meses mas eu não gostava de ficar lá porque não tinha meus amigos e acabei voltando. Ate também porque eu sabia que a minha tia tinha ido embora, senão eu nem tinha voltado.

Participante 3	Contei para a única pessoa foi para a Psicóloga do CREAS. Porque antes eu contei para a minha Irma, porque ela disse que eu poderia ser amiga dela, ai eu contei.
Participante 4	Nada. Ele foi embora.
Participante 5	A minha mãe entrou em depressão porque ela se culpava muito por nunca ter desconfiado de nada. Ela gostava dele. E eu fui mandada para a casa dos meus avós em outra cidade, para morar um pouco com eles, até que as coisas se ajeitassem.
Participante 6	Nada. Ele fugiu e depois de um ano foi preso. A mãe ficou muito mal. Até hoje ela acho que tem depressão mas não se trata.

Tabela 18. Como sua família reagiu/ o que ela fez depois que contou?

Como sua família reagiu/ o que ela fez depois que contou?	
Participante 1	Às vezes a gente conversa sobre isso.
Participante 2	A minha mãe se sentiu culpada por ter me deixado ficar naquela casa, se ela soubesse não teria deixado. Mas não tinha muito o que fazer, ela não sabia o que ia acontecer.
Participante 3	Minha irmã fez um boletim de ocorrência e eles me mandaram para cá (CREAS). Contei um ano depois somente.
Participante 4	(Priscila) Como você foi encaminhada aqui para o CREAS? A escola me encaminhou, porque eu era assim quietinha, não tinha amigos. Ai acho que foi a minha mãe que foi a escola e contou.
Participante 5	Como eu havia falado, minha mãe ficou muito mal, por isso fui mandada morar com meus avós.
Participante 6	Minha mãe se sentiu muito culpada. E fui encaminhada para o CREAS.

Tabela 19. Você foi a delegacia ou Conselho Tutelar?

Você foi a delegacia ou Conselho Tutelar?	
Participante 1	Não.
Participante 2	Sim.
Participante 3	Delegacia Boletim de Ocorrência. Só dei um depoimento e foi ruim.
Participante 4	Não.

Participante 5	Sim.
Participante 6	Sim.

Tabela 20. Como foi ir a estes lugares?

Como foi ir a estes lugares?	
Participante 1	Não fui.
Participante 2	É chato porque todo mundo fica te olhando, e pensando “O que aconteceu com você?”. É chato assim, foi bem ruim mesmo. Eu tinha entrado na delegacia somente uma vez com meu pai, que ele tinha brigado com a minha madrasta e eles foram para a delegacia. E primeira vez por causa daquilo. E ate hoje eu não gosto de delegacia. E minha mãe nunca tinha me levado a um ginecologista e essa foi a primeira vez, e não por ter acontecido isso, mas a forma com que isso aconteceu (consultar uma ginecologista). Bem chato.
Participante 3	Foi ruim. (Delegacia).
Participante 4	Não foi.
Participante 5	Foi bem chato.
Participante 6	Na época já foi feito tudo junto quando descobriram minha gravidez.

Tabela 21. E o que aconteceu depois?

E o que aconteceu depois?	
Participante 1	Nada.
Participante 2	Até depois do que aconteceu que eu comecei a namorar foi complicado e é complicado ate hoje. A gente vai tentar e eu fico lembrando é complicado. (Priscila) Logo depois você namorou seis meses? Eu fiquei um ano e pouquinho sem nem ficar com ninguém. Festa era muito raro eu ir, só se me puxassem mesmo. Antes disso eu gostava muito de sair. E esse meu ex namorado eu só comecei a namorar com ele porque eu já conhecia ele antes de tudo acontecer. Porque depois de tudo foi ele o primeiro piá que eu fiquei numa festa na praça que era amigo de uma amiga minha. (Priscila) E hoje em dia com esse namorado você já teve relação sexual? Não, ainda não. É difícil, tem que confiar muito na pessoa. A pessoa tem que mostrar para mim que ela não vai fazer o mesmo que a outra fez. Sei lá, eu sei que a pessoa não vai fazer, mas eu tenho medo que ela faça. Ai

Participante 3	<p>começa a vim cena e ai não dá. O namoro com meu namoro não foi porque eu quis, foi por acaso, porque ele conhecia a minha mãe e já foi indo.</p> <p>Depois meu pai morreu e o Conselho me levou para a casa da minha tia. E depois de 15 dias ou um mês a minha irmã foi me buscar. Foi ruim morar com ela (irmã). No começo foi ela super legal, depois ela foi muito ruim comigo. Ela me chingava. E a gente não se acertava mais. E depois fui morar com meu marido. Primeiro eu fiquei com meu marido e a minha Irma descobriu, ficou louca comigo e ele me pegou e me falou que se eu quisesse morar com ele eu podia. E nem deu tempo de eu falar com a minha Irma, ela já me pegou e me levou para morar com ele. E a gente ta morado junto. É compadre dela.</p> <p>(Priscila) Como foi morar com ele?</p> <p>Era ruim. Nos primeiros meses assim foi ruim, mas depois sei lá, foi me acostumando.</p> <p>(Priscila) O que era ruim morar com ele?</p> <p>Morar com ele não era ruim. Mas as relações assim não é legal (sexo). Dói, dói bastante. Até hoje dói. E eu faço porque é minha obrigação. Por mim eu não faria.</p> <p>Ele é bem carinhoso comigo. Ele é calmo, quando eu falo que não é não. Eu amo ele. Só o sexo que é ruim, porque dói. (Ele não sabe dos abusos). Mas a Márcia contou para ele, mas eu nunca falei nada sobre isso com ele. É uma coisa que eu tenho que esquecer.</p>
Participante 4	Nada.
Participante 5	Fui morar com meus avós.
Participante 6	Fiquei muito mal, porque perdi muito sangue no aborto, e quase morri. Mas depois fui para casa. Chorava muito e só pensava no bebê.

Tabela 22. Como esta a sua vida agora?

 Como esta a sua vida agora?

Participante 1	<p>Ah tinha um guri que gostava de mim, mas eu era pirralha eu não dava bola para ele, mas agora ele casou vai ser pai e eu ainda gosto dele. Mas assim. Normal. Vou para a escola. Agora parei de trabalhar. (Priscila) E você tem costume de lembrar destes episódios? Sim, eu lembro quase todos os dias. E me da nojo, não gosto nem de lembrar. Tento esquecer.</p>
----------------	--

-
- Participante 2 Agora voltou ao ritmo normal. Eu saio, ajudo a minha mãe quando eu posso. Estava trabalhando e estudando agora eu parei. Mas é como eu te falei, se eu ficar sozinha eu fico agoniada, fico ruim. Mas se eu estou com um monte de gente ou com uma pessoa conversando comigo, fico mais tranquila. Qualquer barulhinho que eu escuto eu fico Nervosa. Eu escuto musica ou abro a porta. E agora em junho já faço 17 anos e já começo o meu supletivo.
- (Priscila) Como foi para você fazer essa entrevista? No começo sei lá, não gostei muito de lembrar, mas depois me senti a vontade. Hoje de manha eu lembrei que eu tinha que vim e pensei: Ah e agora? Ai eu comecei a lembrar de tudo ai eu pensei: Meu deus! Não acredito que eu vou ter que lembrar de tudo isso, falar sobre tudo isso. É difícil, é bem difícil.
- Participante 3 Agora eu to melhor né. Eu tenho bastante coisa para me distrair. Eu tenho meus amigos, colégio. Me sinto um pouco triste. Eu fico mais em casa com meu marido. Quando eu morava com meu pai eu tinha que ficar em casa limpando a casa, e agora eu nem sinto vontade de sair eu sinto.
- Participante 4 Minha vida mudou bastante de um tempo para cá. Era muito agitada, minha mãe brigando. Ela foi expulsa de casa, porque ela tinha engravidado e ganhado o bebê e o pai do bebê expulsou ela de casa, ele tinha uns dois meses (irmão), e ela foi lá com a minha vó. E ela foi na delegacia e conseguiu voltar para casa. Agora a mãe ta legal, não ta mais chata. Antes ela batia em todo mundo, ficava nervosa. E agora ela ta melhor. A nossa relação não e de uma mãe de uma filha, nos não fala nada sobre a vida uma da outra. E ate a minha irmã, vai começar a tomar injeção de anticoncepcional e ela disse para mim, que eu também teria que começar a tomar, e eu não falei nada. Foi a primeira coisa que eu escutei dela que ela se preocupou. E ate eu falei para o meu namorado, que ela falou alguma coisa se preocupando comigo. Antes ela era assim (mãe), era um beijinho e para casa. Agora ele mora praticamente lá em casa, me leva na escola e vai para a casa dele. Depois ele vai para o bar (que a mãe dele tem um bar) para ajudar e depois vai. La para casa. E ajuda os outro tomar também. Coisas de adolescentes (19 anos). A mãe deixa. A gente dorme junto.

(Priscila) O que você comentou que sua vida estava menos agitada. Porque?

Porque eu não dormia, tinha pesadelo, e agora passou. E eu tenho relação sexual, mas eu falo para ele que é difícil para mim, e ele diz que eu tenho que esquecer. E eu falo, que esta difícil.

Participante 5 Ta bem. Agora que eu voltei para casa. Estava com saudades. Mas a minha mãe ta muito chata. Ela só briga com a gente por causa de tudo. Ou porque eu tenho muito sono, ou porque não seco a louça na hora que ela quer. Um saco! Fora isso ta tudo bem.

Participante 6 Hoje está normal. Mas eu não tenho saído muito de casa. Só vou para escola e volto. Não tenho vontade de ficar com ninguém nem de ir a festas.

PROCESSO TERAPÊUTICO

A explanação a seguir é o relato do desenvolvimento do processo terapêutico. Para facilitar a exposição, cada relato de sessão mostrará os objetivos das sessões, as Participantes, o material utilizado, as instruções gerais, o desenvolvimento de cada atividade e um comentário sobre a sessão como avaliação e discussão. Os relatos que mostram falas das participantes e da pesquisadora são seletivos, em virtude do volume de informações que teriam que ser relatadas, permitindo mostrar trechos ligados ao alcance de objetivos.

Fase I – Preparação

Sessão 01

Objetivos: A apresentação do grupo foi realizada com a participação da Psicóloga da Instituição com o objetivo de explanar ao grupo sobre como seria o funcionamento do mesmo, a seriedade da participação (faltas). Cada Participante, fez a sua apresentação (nome, idade, aonde mora). Após foi realizada a apresentação da pesquisadora (nome, idade, aonde mora, formação) e explicada à importância que elas fariam no estudo e que

se faria uma intervenção (grupo), para falar sobre o abuso que elas sofreram, podendo assim dividir umas com as outras seus sentimentos. Sempre após a Intervenção, as Participantes foram convidadas a fazerem um lanche que é disponibilizado pelo CREAS. Após as mesmas pintaram caixinhas para esperar o transporte que as levaria para casa.

Participantes : Pesquisadora, Psicóloga da instituição, P1, P2, P3, P4, P5.

Material: Papel, caneta, caixinhas de madeira, tinta.

Instruções gerais e desenvolvimento:

Dinâmica de apresentação: Cada Participante fez a sua apresentação dizendo o nome, idade, aonde mora. Todas estavam todas muito quietas, com uma feição de tristeza. Houve também um imprevisto de o transporte atrasar uma hora para buscá-las, trazendo assim, um descontentamento por parte das meninas.

Após a Psicóloga da instituição conduziu com a dinâmica “Eu sou assim” para que todas juntas pudessem dar um nome ao grupo. Acabou não acontecendo o nome do grupo. Todas permaneceram em silêncio. Foi retomado isso em outros encontros, para esperar que elas criem um laço entre si a Pesquisadora também. Foi feita uma pausa para o lanche. Em seguida as participantes foram encaminhadas para a arte terapia onde realizaram atividades com pinturas de caixinhas de madeira, pois esta é uma metodologia utilizada pelo CREAS como forma de amenizar a angústia levantada durante as discussões.

Dinâmica:

Eu sou assim..

P1 – “Tenho 15 anos, estudo, sou impaciente, minha vida são meus pais, mas seriam melhor se fossem vivos, minha cor é morena, meus sentimentos são de dor, amo minha família, odeio quem me odeia, meu sonho é ter meus pais ao meu lado.”

P2 – “Tenho 18 anos, não estudo, sou medrosa, minha vida seria melhor com alguém ao meu lado para me apoiar, sou negra, estou com meus sentimentos bagunçados, amo meu marido, odeio falsidade e meu sonho é ser feliz.”

P3 – “Tenho 14 anos, estou estudando, sou muito grudenta, gostaria de esquecer alguns problemas, minha cor é azul, meus sentimentos são positivos, amo meus irmãos, odeio mentira e meu sonho é ter uma família completa.”

P4 – “Tenho 16 anos, não estudo, sou muito carinhosa, minha vida seria melhor se eu fosse rica, minha cor é vermelha, meus sentimentos estão estranhos, amo sair para festa, odeio minha família estar afastada e meu sonho é ter um futuro diferente.”

P5 – “Tenho 14 anos, estou estudando, sou tão bipolar, minha vida seria melhor se eu pudesse refazer meu passado, minha cor é branca, meus sentimentos estão confusos, amo minha mãe, odeio meu cabelo e meu sonho é fazer faculdade, ser independente.”

Fechamento da sessão: Já estavam sido separadas as caixinhas para o fechamento do grupo, onde as participantes pintaram as pintaram para esperar o transporte que as levaria para casa. Nesse momento continuaram conversando e foram se abrindo mais umas com as outras, contando aonde estudavam, em que série estavam.

Avaliação e discussão: Foi observado em quase todas as meninas um comportamento de esquiva na participação do primeiro encontro. Estavam todas quietas, com uma feição de tristeza. Houve muitos momentos de silêncio, aonde eram esperados os comentários, sentimentos vindo das Participantes, como o nome do grupo. Neste encontro não foram realizados todos os objetivos planejados.

Sessão 02

Objetivo: Dessensibilizar para que as integrantes do grupo pudessem interagir e se conhecer.

Participação: Pesquisadora, P1, P2, P3, P4, P6.

Material: Balão.

Instruções gerais e desenvolvimento:

Neste encontro foram retomadas algumas falas do primeiro como a importância do grupo para este estudo científico e o comprometimento com as faltas. Logo após foi proposto à realização de uma entrevista, que seria da seguinte forma: espontaneamente

foram compostas duplas onde cada integrante fazia perguntas à outra, para posteriormente uma apresentasse a outra para o grupo. Uma das participantes negou-se a realizar a atividade (P6), e o momento foi respeitado.

A segunda dinâmica foi proposta da seguinte maneira: cada participante recebeu um balão e todas ficaram em pé na sala. Foi sugerido que cada uma pensasse em algo ou alguém que gostasse muito e que a representação do balão fosse muito bem cuidada e logo após enchesse o balão. Foi colocada uma música e cada uma jogava seu balão para o alto, cuidando com que não caísse no chão. Mas conforme o tempo passava era solicitado que algumas fossem sentando e jogassem seu balão no meio da sala. E as que estivessem no meio da sala teriam que dar conta do balão das outras. A dinâmica foi produtiva, pois demonstraram através de risos e aproximação uma das outras.

Avaliação e discussão: Foi debatida a questão de como é difícil às vezes ter que cuidar de seus sentimentos sozinhas e que este grupo serviria para isso, para que se pudesse dividir as angustias e alegrias, que seriam um grupo. Cada uma escreveu em um papel uma idéia para o nome do grupo. E ao final ficou: “Amigas guerreiras”. Antes de acabar foi pedido para que cada uma falasse uma palavra sobre o que o grupo representou naquele dia. As palavras ditas foram: legal, importante, surpreendente e diferente. O objetivo desta atividade foi atingido.

Sessão 03

Objetivo: Identificação.

Participantes: Pesquisadora, P1, P2, P3, P6.

Material: Fotos de revistas, folha de papel A4.

Instruções gerais e desenvolvimento:

Foram apresentadas gravuras de revistas e explicado que elas deveriam pensar no momento de vida em que estavam passando ou como sentiam-se atualmente. Também foi proposto que se elege-se uma imagem e explicasse o porquê desta escolha. Cada participante começou a explicar o porquê da sua escolha. P6 escolheu uma foto onde duas meninas estavam abraçadas dizendo que nesta foto representava a irmã que

ela tanto amava e que estava voltando de outra cidade para morar com ela e a mãe. P3 escolheu a imagem de mulher obesa, pois sempre se considerou gorda e tinha o desejo de emagrecer (a Participante é magra). P2 escolheu a mulher grávida porque quando ela for adulta, irá constituir uma família. A P1 também elegeu a mesma imagem que a P2 (mulher grávida), pois quando ela for mais velha e tiver concluído os estudos também quer constituir uma família.

Na sequência foram escritas em tarjas de papel as palavras: sereia, braba, palhaço (a), flor e feliz. Estas tarjas foram coladas nas costas de cada participante. Através de gestos e linguagem não verbal elas teriam que fazer com que as outras adivinhassem o que cada uma era.

Avaliação e discussão: Foi possível perceber que todas as adolescentes já estavam mais a vontade no grupo, conversaram mais umas com as outras. No final foi sugerido que cada Participante enunciasse uma palavra acerca do que sentiram neste encontro: foi bom, interessante, mais calma, diferente, foi massa. O objetivo deste dia foi atingido.

Sessão 04

Objetivo: Observar após a entrega da carta no final da intervenção às percepções e comportamentos que mudaram.

Participantes: Pesquisadora, P1, P4, P5, P6.

Instruções gerais e desenvolvimento: Foi solicitado que cada participante escrevesse uma carta contando como estava sendo o seu momento de vida em relação suas angústias, alegrias, tristezas, sonhos e que esta seria devolvida a elas somente no último dia do encontro. Para tal, colocou-se uma música tranquila. Finalizando cada Participante identificou-se com o nome e a data no envelope e lacrou. Teve a duração de meia hora.

Na atividade seguinte, cada Participante descreveu suas qualidades e dificuldades pessoais. Na sequência houve a troca da escrita e foi proposto que cada uma escrevesse se concordava ou não com o que havia sido escrito, ou o que ela poderia fazer para mudar.

As qualidades citadas foram: simpática, confia nas pessoas, companheira, brincalhona, querida, amiga, conselheira, fiel, extrovertida, divertida, legal, boa amiga, gosta de sair, compreensiva, engraçada e alegre.

As dificuldades apontadas foram: impaciente, reclamona, bipolar, se apega rápido, preguiçosa, estressada, brigona, chata, ignorante, sangue frio, respondona, feia, irônica, barraqueira.

Avaliação e discussão: O debate demonstrou-se produtivo pois, quase todas se posicionaram contra as dificuldades apontadas, uma vez que essas apareciam como defeitos. O objetivo foi atingido.

A descrição das cartas:

P1 – “Hoje estou aqui, escrevendo esta carta, pois fui convidada para participar de um grupo, onde se encontravam meninas que já sofreram algum tipo de abuso, e eu já sofri. Fico muito triste ao lembrar disso todos os dias, pois quem fez isso comigo foi um primo meu, acho que nunca vou esquecer esta marca, mas tudo que eu queria era conseguir esquecer. Às vezes me sinto culpada, uma idiota, mas eu era uma criança e nem entendia. Hoje eu falo com ele normal, nem sei se ele ainda lembra o que me fez, mas acho que sim. Sempre quando eu saio eu bebo, eu começo a chorar muito, pois vem na minha cabeça e não sai mais, acho que é porque quando a gente fica bêbada tem coragem de falar e expressar tudo o que sente. Mas fora isso, sou feliz por ter uma família abençoada. Meu pai e minha mãe são da igreja, e sempre me ensinaram coisas boas e o caminho certo. Eu também sou da igreja, mas só que hoje estou desviada, mas quero voltar. E também tenho três irmãos, duas meninas e um guri, que eu amo muito. Meus pais não sabem o que eu sofri, e nem quero que eles saibam. Tô muito feliz por participar deste grupo, e feliz por saber que tem pessoas que se importam com o que a gente sente e querem nos ajudar. Só tenho que agradecer a você Priscila e a todos do CREAS e as meninas que formam este grupo. Já aprendi bastante coisas e sei que vou aprender muito mais. Fora isso, falando de mim, eu me acho muito complicada às vezes, porque quando eu brigo com alguém e fico sem falar com essa pessoa, eu me sinto bem melhor brigada com ela, me sinto bem quando passo perto e não falo com ela, não sei o que é isso. Sou muito estressada... Fora isso tenho minhas qualidades, sou

muito amiga, odeio falsidade e mentiras, gosto das coisas verdadeiras e que valham a pena, sou querida e fiel. Bom acho que é isso o que eu senti em falar”.

P4 – “Estou sentindo raiva por tudo que esta acontecendo na minha vida. Começando com o tempo que eu dei com meu namorado, não estamos mais. Esta mudando tudo na minha vida nessa fase, desde que comecei a fazer sexo. Então agora que dei um tempo de tudo que eu não quis fazer mais para não incomodar minha mãe.”

P5 – “Eu ando me sentindo mal, com vontade de chorar o tempo todo, de ficar isolada de tudo e de todos, eu não aguento mais fingir que estou bem.. Me segurar para não chorar na frente dos outros e parece que ninguém consegue me entender. Acham que é fácil passar por isso. Eu lembro cada vez mais dos detalhes de como aconteceu, eu to infeliz e parece que todo mundo resolveu me julgar e gritar comigo. Eu não sou de pedra, eu sinto muita dor com tudo isso. Ainda mais quando gritam, me xingam e me julgam, eu não vou conseguir me expressar apenas escrevendo, eu to quase chorando, mas não choro porque tenho medo que me vejam chorando e falem para eu esquecer, mas não ta fácil, eu to muito sensível. Às vezes até penso que seria melhor morrer do que viver com isso, porque eu não aguento mais toda essa angústia eu to me moendo por dentro, apavorada. Parece que eu grito e ninguém me escuta. Eu quero morrer, isso parece melhor do que tudo isso. Minha mãe sempre fala que sou problemática e ela tem razão.”

P6 – “Neste momento da minha vida estou apavorada. Poxa! Ontem fiz 15 anos, sei lá porque estou tão preocupada, mas daqui a apenas três anos terei que me virar sozinha. Mesmo que eu tenha minha mãe, minha irmã e toda a minha família do meu lado, não vai ser a mesma coisa. Porque será minha vida, eu é que terei que decidir o que é ou não bom para mim. Serão as minhas decisões que vão decidir meu futuro. Acho que isso me assusta, tipo, ser responsável pela minha própria vida. Mas até lá, eu só quero aproveitar, curtir a minha família e principalmente com a minha irmã. Eu estou feliz e meio braba ao mesmo tempo (não me pergunte o motivo do “braba” porque eu nem sei).

Um dos meus objetivos é voltar a jogar Rugby até entrar na faculdade, é bem bom, e faz bem para o corpo e para a mente (para minha pelo menos).

Sessão 05

Objetivo: Fazer com que as Memórias Boas e Memórias Ruins pudessem ser debatidas, afim de que cada Participante pudesse exteriorizar seus sentimentos.

Participantes: Pesquisadora, P1, P2, P3, P6.

Material: papel e caneta.

Instruções gerais e desenvolvimento: Neste encontro foi realizada a dinâmica “Memórias boas e Memórias ruins”, sendo solicitado às participantes que escrevessem sobre suas Memórias. Após foi sugerido que escrevessem as suas lembranças boas e ruins. A descrição das memórias ficou separada umas das outras, para que, posteriormente, se pudesse escolher a melhor forma de como seria feita a substituição das ruins pelas boas. Na etapa seguinte a intenção era que cada uma pudesse suas memórias para as outras Participantes. Lembranças que achavam boas, como por exemplo:

P1 - “Eu lembro muito de quando eu era bem pequena e eu e meus amigos brincava na rua, jogava bola, ficava ate a noitinha na rua, e eu lembro que era muito bom”.

P2 - “A minha memória era de um vestidinho que eu ganhei, era bem bonitinho, acho de era de quando eu fiz aniversário a única festa que eu ganhei, eu estava tão feliz com aquela roupa. Estava linda. Sempre vejo as fotos”.

P3 - “A minha memória boa foi o último dia em que estive com a minha mãe. Ela foi me buscar na escola e eu tinha recebido um pirulito, pois eu tinha sido a aluna que melhor tinha se comportado na escola. Guardei para poder comer com meu irmãozinho. Mas na volta da escola minha mãe foi atropelada e morreu”.

P6 - “Eu lembro de meu aniversário de um aninho, ou dois aninhos que eu estava com um vestido muito lindinho, com um sapatinho e uma meia calça. Pois eu nunca tive festa de aniversário, aquela foi a única que eu tive, e eu estava bem fofinha.”

Avaliação e discussão: Após a leitura das cartas, fizemos um debate sobre as Memórias expostas por cada uma no grupo.

Sessão 06 – AUTO REVELAÇÃO

Objetivo: Que cada Participante do grupo pudesse expressar através da argila o que estava sentindo naquele momento.

Participantes: Pesquisadora, P1, P2, P3, P4, P6.

Material: Argila e computador que foi usado para colocar a música.

Instruções gerais e desenvolvimento: Foi colocada uma música e solicitado que cada uma pegasse um pacotinho de argila e que pudesse pensar em seu momento atual de vida, seus sentimentos e que pudesse fazer o que quisesse com a argila sem preocupação com a duração da atividade.



Figura 1. Argila.

Os objetos modelados para cada participante foram:

P2 - “Eu fiz essa mulher grávida, porque eu acho que estou grávida do meu namorado. As meninas parabenizaram, e algumas perguntaram: Mas como assim? Já esta grávida com tão pouco tempo de namoro”?

P2: “Sim, nós que escolhemos ter um filho, a gente agora vai morar junto”.

Outras Participantes ficaram espantadas com a noticia da P2, mas no final desejaram boa sorte e brincaram com a noticia.

Foi questionado pela Pesquisadora se era isso mesmo que ela estava programando para aquele momento da sua vida. E ela se refere:

P1 - “Eu fiz essa menina com esse balão, como se ela estivesse pensando na vida, no seu futuro”.

P2 – “Eu sempre quis ser mãe, e agora vou ter meu filho, e a nossa família toda esta feliz, a minha mãe, meu pai...A família dele nós vamos para a cidade dele contar. Mas estamos bem felizes com a minha gravidez”.

P3 - “Eu fiz esse prato de comida, porque por primeiro que eu tô com fome, e segundo porque é o que eu mais gosto de fazer é comer, menos de cozinhar, ah isso eu odeio fazer. Todas as meninas riram muito. E questionaram que comida era? Ela respondeu: Bife, arroz, feijão e batata frita e esse copo de suco”.

P4 - “Eu não fiz nada, não gosto de mexer em argila, ficou isso aqui ó”.

P6 - “Eu fiz esse monte de bolinha. Pensei que poderia ser docinho, depois fui colocando um em cima do outro e sei lá o que é. As meninas questionaram: deve ser um muro, e você esta atrás dele para se proteger. É na verdade pode ser. Nem pensei em fazer um muro, mas pode ser que seja mesmo”.

Avaliação e discussão: O objetivo da dinâmica era para que elas pudessem dessensibilizar para a auto-exposição, dentro de um clima de confiança, e que as revelações pudessem vir á tona. Até aquele momento não haviam feito menção ao abuso que sofreram. Mas percebeu-se que os comportamentos das Participantes estavam funcionando como esquiva da auto – exposição, e desta maneira a sessão para este objetivo será feita em um próximo momento.

FASE II – REVELAÇÃO E EXPOSIÇÃO DOS SENTIMENTOS

Sessão 07

Objetivo: Estimular a revelação do abuso com o filme “Ela é poderosa”, exibido para que o conteúdo do filme pudesse abrir o caminho, incitar o assunto sobre o abuso que até agora não foi falado.

Participantes: Pesquisadora, P1, P2, P3, P4, P6.

Material: Filme “Ela é poderosa”.

Encerramento: Após o filme foi feito o encerramento com a combinação de que haveria um debate do filme no próximo encontro.

Avaliação e discussão: Ficou para a próxima sessão a avaliação e debate. Observou-se que as adolescentes na exibição do filme, sentiram-se a vontade, riram de algumas cenas e em outros momentos que mostrou-se maior exposição sentiram-se ansiosas. Durante o lanche fizeram comentários sobre o quanto gostaram do filme.

Sessão 08

Objetivo: Proporcionar a ocasião para a revelação do abuso.

Participantes: Pesquisadora, P2, P3, P5 e P6.

Material: Questionário.

Instruções gerais e desenvolvimento: Foram propostas questões prontas para debater sobre todo o filme por partes. “O que acharam do filme?”

Comentários:

“Eu achei bem bom, no início achei que ela era meia louquinha, mas depois a gente viu que não”.

“Pois é, a mãe dela era meia louca né? Mas depois a gente também viu que não era bem assim. E a vó que estava certa”.

“O que acharam da relação mãe e filha?”

“Bem conturbada, mas porque ela não sabia a razão da filha ser assim”.

“E sobre a relação da mãe e avó?”

“Elas se amavam, mas não davam certo juntas, até que uma hora elas resolveram conversar, é sempre o melhor para se fazer né?”.

“O que elas poderiam fazer diferente?”

“Ela poderia ter contado antes para a mãe, mas a gente sabe o quanto é difícil, ela tinha medo que a mãe achasse que ela estava roubando ele (padrasto) dela. A gente sabe como é difícil”.

“O que elas tinham de diferentes?”

“Nada”.

“Elas se amavam?”

“Sim, muito. Não sabiam às vezes como demonstrar, mas no final do filme elas perceberam o quanto era importante se falar as coisas”.

“Quando foi percebido no filme que a menina foi abusada?”

“Na hora que ela estava no barco com o menino, que ele tentou passar a mão na perna dela, e ela se esquivou”.

“Vocês acharam difícil chegar a esta conclusão?”

“Não”.

“Como ela superou?”

“Com a ajuda da vó dela”.

“O que pensaram quando ela revelou o abuso para o amigo veterinário?”

“Ela sentiu confiança nele, e ela viu que ele não iria abusar dela, era só amizade mesmo, por isso ela conseguiu contar.”

“Acharam que foi bom para ela revelar para ele?”

“Sempre é bom poder dividir nossos sentimentos, angústias. Assim como aqui no grupo, a gente divide tudo o que sentimos, e fica tudo mais leve”.

“Houve diferença de quando ela revelou para a mãe?”

“Sim, a mãe não quis acreditar nela.”

“Existe a pessoa e a hora certa para contar sobre um abuso?”

“Tem que contar o quanto antes e pedir ajuda. Não sofrer sozinha e calada, eles precisam ser denunciados e pagarem pelo que fazem”.

“Acharam o filme parecido com alguma parte da vida de vocês?”

“Sim, porque ela só se fazia de forte, mas por dentro estava muito machucada. E guardou só para ela, sofreu por muito tempo”.

“Vocês acham que poderiam ter feito diferente no caso de vocês do que foi feito (revelação)?”

“Deveria ter contado antes”.

“No final do filme, vocês acham que alguma das três teve culpa?”

“Não, na verdade todas foram vítimas.”

Avaliação e discussão: Foi o primeiro dia em que as Participantes sentiram-se mais à vontade para falarem sobre o abuso. Dividiram seus sentimentos e suas vivências, comparando questões que aconteceram no filme, com as próprias vivências, como por exemplo: a importância do elo da mãe e filha, pois muitas vezes as mães não acreditam nas filhas; a rigidez da avó, que dessa forma ela demonstrava o quanto a neta era amada por ela; o amadurecimento da protagonista durante as experiências que ela teve como o novo namorado, soube se respeitar mais; a amizade que foi construída com a protagonista e o médico que era mais velho que ela, soube dar bons conselhos; e a parte final que todas souberam rever seus erros e se perdoarem.

FASE III – ACEITAÇÃO

Sessão 09

Objetivo: Falar sobre as cicatrizes que ficaram em suas vidas após o abuso.

Participantes: Pesquisadora, P2, P3, P5, e P6.

Material: Dois quebra cabeças com a temática da Disney.



Figura 2. Quebra-cabeça 1.

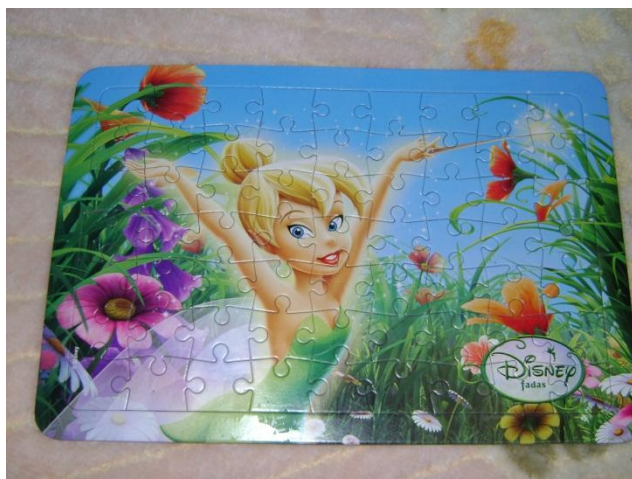


Figura 3. Quebra-cabeça 2.

Instruções gerais e desenvolvimento: As Participantes formaram duplas sendo solicitado que elas montassem o quebra cabeça, sem pressa. Após a montagem, foi questionado se as mesmas imaginavam sobre o que representava o quebra cabeça. As respostas foram:

É para a gente lembrar a infância que a gente sempre fala que não teve?

Para mostrar que a gente pode se reconstruir?

Foi explicado que o quebra cabeça precisava ser montado peça por peça. E era isso que estavam fazendo no grupo, uma ajudando a outra para trabalhar as suas cicatrizes.

Avaliação e discussão: Foram levados propositalmente os quebra cabeça da Disney, porque sempre foi comentado sobre a perda da infância. Elas adoraram a montagem porque falaram sobre as consequências do trauma e devido a isso julgaram a perda da inocência na infância.

Sessão 10

Objetivo: Foi retomada a atividade das memórias e na sequencia realizou-se a dinâmica sobre “Memórias ruins”. Foi solicitado que cada menina escrevesse em um papel sobre as suas memórias ruins, ou seja, que pudessem escrever sobre o abuso.

Participantes: P1, P2, P3, P4, P5, P6.

Material: Papel, caneta.

Instruções gerais e desenvolvimento: foi solicitado que escrevessem sobre o abuso em uma folha de papel para que pudessem dividir suas angustias e ajudar umas às outras já que, todas passaram pelo mesmo sofrimento. Cada carta foi lida, mas uma Participante não fez nenhum comentário após a leitura da sua. As demais deram o seu depoimento sobre os sentimentos que passaram e ainda passam.

Descrição das cartas:

P1 – “ Bom, quando eu tinha uns nove anos, comecei a ser abusada, e o pior que era um primo meu. Nós morava na nossa casa eu, meu pai e minhas irmãs e esse meu primo não tinha aonde morar, então meu pai cedeu uma parte do nosso terreno para ele e mais dois irmãos morar. Ele sempre me chamava lá, e eu ia, não sei porque eu ia, bem burra. Ele ficava se esfregando em mim, me beijando, me pegava no colo, deitava em cima de mim, isso aconteceu por bastante tempo, mas eu não lembro o tempo exato. Uma vez ele enfiou o dedo em mim e eu gritei bem alto, depois eu fui para casa e minha mãe perguntou o que era e eu disse que ele estava fazendo cócegas em mim. Ah, e quando ele fazia isso, ligava o som bem alto. Quando eu estava lá, e minha irmã chegava, ele sempre inventava alguma coisa para ela sair, ou ir ver a hora, ou perguntar alguma coisa para mim. Ele dizia que era para mim nunca contar alguma coisa, senão minha mãe ia

brigar comigo. Teve uma vez que ele me obrigou a fazer sexo oral nele, isso é o que eu mais odeio, ele sentava no sofá na janela, fingindo que estava arrumando um negócio, mas ele só estava cuidando se minha mãe não vinha porque ela estava ali na vizinha. Ele já beijou a minha irmã também. E uma vez, nós estávamos na minha casa e ele perguntou se eu e minha irmã queria pegar uma bala no bolso dele, e minha irmã foi pegar e o bolso estava rasgado, era só para ela encostar no pinto dele. Ele sempre me oferecia dinheiro. E ele sempre foi assim, pois ele foi assanhado para as minhas tias, passando a mão nelas. E uma vez ele passou a mão em uma menina da minha rua de sete anos. Uma vez o irmão dele começou a fazer isso comigo, também se esfregava e coisurada. Bem é isso. A minha mãe nunca gostou dele, parece que ela sentia. Eu nunca contei nada para ela, mas minha irmã contou um pouco. Ela não deixa eu falar com ele.

P2 – “Bom, quando o grupo começou, eu me senti mal, afinal mexer nos sentimentos de dor, angústia e medo que eu vinha tentando esquecer a tanto tempo. Mas chegar aqui e debater com outras meninas que também passaram pelo o que eu passei é muito bom é como se ficasse mais aliviada. Essa cicatriz, nunca vai cicatrizar, mas já não dói tanto. As memórias ruins hoje posso dizer que já estão esquecidas graças a esse grupo”.

P3 - “Quando eu morava com minha madrasta e com meu pai ela me colocou dormindo em um paiolzinho e tinha um amigo do meu pai, num dia o desgraçado foi e abusou de mim, senti medo e não quis contar para meu pai, pois que tal se ele não acreditasse e uma palavra minha. Então eu saí da casa da minha madrasta e fui morar na casa de um dono de uma pousada de caminhoneiros dormiam. Então de novo outro homem abusou de mim. Os meus sentimentos hoje em dia estão melhores, mas eu ainda sinto medo de ficar com homens sozinha. Às vezes sinto raiva, angústia e hoje em dia estou casada. Mas às vezes em nossas relações só faço alguma coisa por obrigação, mas é claro nem sempre é assim, pois eu amo meu marido”.

P4 - Não escreveu.

P5 – “Eu ando me sentindo muito mal e com vontade de chorar o tempo todo. De ficar isolada de tudo e de todos, eu não aguento mais fingir que eu estou bem.. Me segurar para não chorar na frente dos outros e parece que ninguém consegue me entender, acham que é fácil passar por isso eu lembro cada vez mais dos detalhes de como aconteceu (ela era estuprada somente pelo ânus com início aos cinco anos até nove anos de idade), eu estou infeliz e parece que todo mundo resolveu me julgar e gritar comigo, e eu não sou de pedra, eu sinto muita dor com tudo isso. Ainda mais quando gritam, xingam e me julgam, eu não consegui me expressar, apenas escrevendo, e eu tô quase chorando. Falam para mim esquecer, mas isso não é fácil, eu to muito sensível, e as vezes eu penso que seria melhor morrer do que viver com isso, porque eu não aguento mais toda essa angustia, eu tô me morrendo por dentro, apavorada, parece que quando eu grito e ninguém consegue me escutar. Eu quero morrer, isso parece melhor do que tudo isso. Minha mãe sempre falou que eu sou problemática e ela tem razão. Bom, tudo isso é a metade do que eu sinto. (irmã da P6 que também frequenta o grupo, ambas abusadas)”.

P6 - “A pior memória da minha vida! Ele era uma pessoa muito nojenta, ridículo, arrogante, era um imbecil. Até hoje eu não consigo entender porque minha mãe quis ficar com ele. Só sei que eu sentia muito nojo dele, quando ele passava a mão em mim, quando dizia aquelas coisas absurdas, e me ameaçava. Falava que se eu não deixasse fazer isso comigo, ele iria fazer com minha irmã. E se eu contasse para alguém ele iria machucar a minha irmã e minha mãe. Eu não sabia o que fazer e nem o que pensar, eu só rezava para que aquilo acabasse logo e que ele não chegasse perto da minha irmã. Não gosto de lembrar das vezes que eu deixava minha irmã sozinha com ele. Me sinto culpada por isso. Quando eu descobri que estava grávida, eu pensei: “nossa, porque isso esta acontecendo isso comigo”, mas ao mesmo tempo “finalmente, agora tudo isso vai acabar”. Quando eu cheguei na maternidade as pessoas me olhavam (aos 11 anos), como se soubessem o motivo de eu estar ali. Foi difícil eu ter que escolher entre a minha vida e a de uma criança inocente. É uma das piores partes, não gosto de falar e nem pensar nisto. Ainda lembro de toda a confusão que foi da rotina que tive, foi uma semana inteira, ate conseguirem a autorização do aborto. Esse é um episódio da minha vida que eu nunca vou esquecer e nem superar, mas sei que um dia não vai mais doer”.

Avaliação e discussão: Foi solicitado que cada uma pudesse ler a sua carta. Neste momento algumas meninas choraram ao escutar a carta uma das outras. E após ler a suas cartas, cada menina falou sobre seu sentimento expressado após cada uma delas. Fizemos um debate sobre cada história contada. Sobre a importancia de poder dividir a sua dor com pessoas que passam a mesma situação. Todas Participantes falaram o quanto era importante poder falar sem serem criticadas, ou avaliadas como geralmente é em outros momentos das suas vidas, e isso acalentava muito na hora de poder falar sobre o abuso. No final percebeu-se que as Participantes sentiram-se mais leves e mais tranquilas em poder compartilhar sentimentos que foram guardados por tanto tempo. As Participantes saíram sentindo-se bem do grupo neste dia. Com o intuito de amenizar o clima após a escrita das cartas, foi proposto que tirássemos fotos do grupo, e no final eu entregaria a todas elas, uma cópia. E semana que vem haverá um passeio semana que vem, dia 08/08/2013, para o parque do Beto Carrero, onde cada uma poderá levar uma acompanhante.

FASE IV - PREVENÇÃO

Sessão 11

Objetivo: Trabalhar a questão da autoproteção.

Participantes: Pesquisadora , P2, P3, P4.

Material: filme “Confiar”.

Instruções gerais e desenvolvimento: Assistir o filme.

Avaliação e discussão: No momento do debate as participantes entenderam que a protagonista do filme era culpada por se deixado envolver por um homem que não conhecia, no entanto perceberam que fora enganada por estar apaixonada. Segundo unanimidade no grupo, o fato da protetividade do pai.

Sessão 12

Objetivo: Avaliar a discriminação de riscos de abuso sexual.

Participantes: Pesquisadora, P2, P3, P4, P5, P6.

Material: História da Rosinha

Instruções gerais e desenvolvimento:

Foi entregue a cada Participante a história da “Rosinha” e fizemos a leitura juntas e cada uma foi escrevendo as suas respostas.

“É uma história sobre uma menina que enfrentou uma situação de abuso. E gostaria que vocês falassem o que fariam nesta situação em que Rosinha passou”.

“História de Rosinha (Padilha, 2001)”

Personagem principal: Rosinha, 12 anos.

Família: pai – 40 anos, mãe – 35 anos.

Irmão Alvinho – 9 anos.

“Rosinha gostava de brincar com seu irmão Alvinho. A mãe deles trabalhava de dia numa loja e o pai trabalhava de noite numa empresa de segurança. Rosinha e Alvinho iam para a escola de manhã e à tarde ficavam em casa. O pai dormia durante o dia, mas acordava lá pelas três da tarde. Às vezes ia fazer alguma coisa da casa, e às vezes ficava na cama vendo televisão ou comendo. Rosinha e Alvinho tinham que fazer algumas tarefas da casa, pois a mãe só chegava às oito da noite, meia hora depois que o pai saía para o trabalho. Rosinha era uma menina bem bonitinha que já estava meio que ficando mocinha, isto é, seu corpo estava se desenvolvendo, pois estava entrando na puberdade. Mesmo assim gostava muito de brincar com seu irmão Alvinho.

Numa tarde, o pai disse a Rosinha e Alvinho que não estava se sentindo muito bem e pediu que Alvinho pegasse o ônibus e fosse até a farmácia de um conhecido deles que ficava em outro bairro, pois o pai não tinha dinheiro para o remédio e queria comprar fiado.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Que ele estava mesmo doente, afinal tem a plena confiança em seu pai”.

P3: “Que o pai dela ia pedir que ela fosse junto com seu irmão”.

P6: “Que o pai dela estava mesmo doente”.

P5: “Pensou que o pai estava doente e que deveria cuidar dele”.

P4: “Porque seu pai estava doente”.

“Alvinho obedeceu o pai e foi. Enquanto isso, Rosinha tratava de fazer um chá que o pai lhe pediu. Ele estava de cama e Rosinha foi levar o chá para ele. Ele pediu que ela se aproximasse e deitasse ali na cama com ele, pois ele estava com frio. Ela se deitou e disse para o pai que logo o Alvinho chegaria com o remédio e então ele ficaria melhor. Ele aproximou-se dela e começou a fazer carinho. Ela achou esquisito, mas como ele estava doente, não ligou. Os carinhos tomaram uma forma diferente, ele começou a acariciar suas coxas por cima da saia”.

T: Rosinha pensou:

P2: “Achou estranho pois ele nunca havia feito, aquilo, porém por ser seu pai, achou não era nada demais”.

P3: “Que ele estava estranho”.

P6: “No começo ela não se importou, mas depois foi achando um pouco estranho”.

P5: “Que ele estava fazendo algo errado, mas não achou que ele abusaria ela, mas que ele fizesse carinho de uma forma diferente”.

P4: “Estava fazendo carinho”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Com medo de perguntar o que ele estava fazendo, afinal ele era seu pai, e se ela perguntasse ele poderia brigar com ela”.

P3: “Se sentiu mediu e desconfiança”.

P6: “Medo, desconfiança”.

P5: “Sentiu medo desacreditada, estranha e abalada pelo o que o pai estava fazendo”.

P4: “Sentiu medo que ele fizesse alguma coisa”.

“Disse que ela estava ficando uma moça muito bonita e que gostaria de lhe dar um beijo. Rosinha continuou achando estranho, mas lembrou que ele era seu pai e não iria fazer nada de errado com ela. Já que ele estava doente, não viu problema nenhum em um beijinho”.

T: Rosinha pensou:

P2: “Será que o que esta acontecendo é certo? O que devo fazer?”

P3: “Quer iria ser um carinho”.

P6: “Achou que o beijo seria um carinho e de que seu pai não iria machuca-la”.

P5: “Pensou que não era muito certo, mas o pai estava doente e ela confiava”.

P4: “Fosse um carinho e não desconfiava”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Angústia medo de reagir”.

P3: “Desconfiança”.

P6: “Ela se sentiu um pouco confusa”.

P5: “Sentiu-se desconfortável, enjoada e um pouco estranha”.

P4: “Nojo, assim sentiu”.

“O pai se aproximou, colocou uma de suas pernas sobre as coxas de Rosinha e sem avisar começou a beijá-la na boca. Rosinha ficou completamente sem ação, tentou livrar-se daquele beijo, mas quanto mais ela tentava sair da situação, mais ele a segurava. Nisso, Rosinha sentiu roçar em suas coxas uma coisa enorme e dura, achava que era como o pipi de seu irmão , só que muito maior e mais duro. Ficou muito assustada, não sabia o que iria acontecer, mas mesmo assim não conseguia sair da situação.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Meu deus o que esta acontecendo? Porque ele esta fazendo isso? O que ele vai fazer comigo depois”.

P3: “Que o que o pai dela estava fazendo não era certo”.

P6: “Ela pensou que aquilo não deveria acontecer, já que ele é o pai dela e deveria protegê-la e não ao contrário”.

P5: “Que iria acontecer algo estranho, mas também pensou em fugir, mas não conseguiu”.

P4:” Em como seu pai segurava ela”.

T: Rosinha sentiu:

P1: “Enjoada”.

P3: “Ameaçada e com medo”.

P6: “Medo, desespero, se sentiu confusa”.

P5: “Sentiu medo, queria fugir gritar, ficou apavorada mas também sem reação nenhuma”.

P4: “Raiva do que seu pai estava fazendo com ela”.

“Não conseguia de duas formas: uma era porque não tinha força para empurrar o pai para que ele saísse de cima dela; outra era porque se sentia fraca por dentro, sentia uma moleza que não sabia explicar; sentia que ao mesmo tempo que não deveria estar naquela situação, deveria também obedecer o pai – afinal ele que tinha mandado ela deitar ali.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Não consigo sair daqui, e não consigo gritar, o que eu faço agora?”

P3: “Que estava tudo errado e que seu pai não podia fazer o que estava fazendo”.

P6: “Que deveria obedecer o pai, mas ao mesmo tempo teria que fugir dele”.

P5: “Pensou que tinha que sair daquela situação, mas também que deveria ser obediente e boa menina”.

P4: “Medo porque se ela empurrar o pai ele iria ficar brabo”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Com medo”.

P3: “Medo, nojo, fraqueza”.

P6: “Se sentiu ameaçada, com medo e repulsa”.

P5: “Sentiu medo, repulsa, e gritava por dentro pedindo ajuda mas ninguém ouvia”.

P4: “Medo porque não sabia o que estava acontecendo”.

“De repente, sem parar com o beijo, ele colocou sua mão dentro da calça dela e começou a acariciá-la entre as pernas. Enquanto sua cabeça ficava cada vez mais confusa, sem saber o que fazer, seu corpo sentia uma sensação gostosa, era bom aquele tipo de carinho.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Será que isso é normal?”

P3: “Que era apenas um carinho diferente que seu pai estava lhe dando”.

P6: “Que não deveria sentir prazer aquilo e ao mesmo tempo tudo estava tempo tudo estava muito confuso”.

P5: “Pensou que estava errado em sentir prazer, mas sabia que o pai não deveria fazer isso”.

P5: “E ela achou que isso era um carinho”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Angústia, mas o mesmo tempo prazer.”

P3: “Prazer porque era seu pai que estava dando carinho, mas era diferente”.

P6: “Prazer, repulsa, medo”.

P5: “Sentiu-se enjoada mas não conseguia controlar o prazer, mas para ela era muito ruim sentir isso naquele momento”.

P4: “Sentiu confusa, porque era gostoso mas ela pensou que fosse brincadeira”.

“Então o pai começou a esfregar aquela coisa grande em sua coxa, enquanto a beijava e a acariciava. De repente ele começou gritar e saiu de cima de Rosinha. Foi quando ela sentiu algo quente em sua coxa, que não sabia o que era. O pai deitou-se do seu lado e Rosinha saiu correndo do quarto. Trancou-se no banheiro e começou a chorar, não conseguia entender o que estava acontecendo. De uma coisa tinha certeza: aquilo não estava certo.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Será que devo contar para alguém, porque ele fez isso? Qual o motivo?”

P3: “Que estava errado e que tinha que contar para a sua mãe”.

P6: “Que tinha que fazer algo a respeito, ou contar para alguém, para que aquilo não se repetisse”.

P5: “Pensou que o pai era nojento e não deveria chegar perto dele e que até poderia fugir”.

P4: “Contava para seu irmão, não ficar com medo se ela contasse seu pai faria o mesmo com seu irmão”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Nojo, medo, raiva, uma dor inexplicável”.

P3: “Nojo, medo, agonia”.

P6: “Medo”.

P5: “Sentiu nojo, medo, confusa e assustada e sentiu-se aliviada por aquilo finalmente ter acabado”.

P4: “Vergonha, senti medo”.

“Dali a pouco escutou Alvinho chegar com o remédio e ir ao quarto do pai. Saiu do banheiro e o irmão lhe disse que o pai estava dormindo e que era melhor não incomodá-lo. Rosinha então ficou quieta e foi para seu quarto. No final da tarde, o pai acordou, arrumou-se e foi para o trabalho. Como de costume, despediu-se de Rosinha e Alvinho e mandou que eles se comportassem.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Ainda bem que ele foi, assim ele não fará comigo, pelo menos hoje”.

P3: “Que seu pai tinha agido como se nada tivesse acontecido”.

P6: “Que tudo estava estranho, fora do normal”.

P5: “Que aquilo estava estranho e que o pai não era quem ela achou que fosse”.

P4: “Que ele estava estranho”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Alívio, mas um certo medo”.

P3: “Estranho”.

P6: “Confusa”.

P5: “Senti alívio, pelo pai ter saído, mas estava confusa pelo o que aconteceu”.

P4: “Medo de ficar sozinha com o pai, pois ele iria fazer de novo”.

“Quando a mãe chegou do trabalho, Alvinho lhe contou que o pai tinha estado doente, mas que pelo jeito tinha melhorado, pois nem tomou o remédio que Alvinho foi comprar. Rosinha estava sentada na frente da TV vendo a novela, quando a mãe chamou-a para ajudar com o lanche. A mãe achou Rosinha meio esquisita e perguntou se tinha brigado de novo com o irmão. Rosinha disse que não, que não era nada. A mãe lhe disse que achava que ela estava aprontando alguma, mentindo, para variar. Rosinha deixou cair um copo e a mãe gritou com ela, que saiu correndo e chorando.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Além de tudo ela fica brigando comigo, como vou contar? Será que ela vai acreditar?”

P3: “Que como sua mãe estava brigando com ela, se ela contasse a mãe não iria acreditar nela”.

P6: “Que sua mãe não acreditaria nela e que ela brigaria com ela se ela contasse”.

P5: “Que se contasse para a sua mãe, a mãe dela iria brigar com ela e julgá-la pelo que houve”.

P4: “Que se ela contasse para a mãe ela não iria acreditar”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Culpada, com medo da reação da mãe”.

P3: “Medo”.

P6: “Se sentiu sozinha e confusa”.

P5: “Triste e muito sensível, com medo porque achou que a mãe iria brigar com ela”.

P4: “Confusa”.

“Alvinho e a mãe foram fazer o lanche e Rosinha se trancou no quarto, chorando e sentindo-se cada vez mais confusa. Naquela noite teve pesadelos, mas não contou a ninguém no dia seguinte.”

T: Rosinha pensou:

P2: “O que eu faço agora? Qual vai ser a reação da sua mãe? Será que ela iria acreditar? Afinal a mãe sempre acha que ela estava mentindo”.

P3: “Pensou que tinha que esquecer tudo e que seu pai não iria mais fazer”.

P6: “Que deveria esquecer e que nunca aconteceu”.

P5: “Que deveria se fechar não contar nada e deixar as coisas como estavam”.

P4: Pensou que se contasse para a mãe o pai iria fazer alguma coisa.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Insegurança”.

P3: “Ela se sentiu triste e confusa”.

P6: “Sentiu medo se sentiu estranha, e sem saber ou pensar sobre a respeito do abuso”.

P5: “Muito medo, estava confusa e sentia estranha mas ficou quieta”.

P4: “Confusa, não estava acontecendo”.

“Nos dias que se seguiram, a vida continuou em sua rotina normal. Dali a uma semana, o pai mandou Alvinho até uma loja de autopeças para comprar uma peça do amortecedor do carro que estava quebrado e a peça tinha que ser trocada. Logo que Alvinho saiu, o pai foi para o quarto e chamou Rosinha.”

T: Rosinha pensou:

P2: “Será que ele vai fazer aquilo de novo?”

P3: “Que ia acontecer tudo de novo.”

P6: “Que aquilo não deveria acontecer novamente ficou confusa e sem ação”.

P5: “Pensou que não deveria ir pois tinha medo do que ele iria fazer”.

P4: “Que ele iria fazer de novo com ela”.

T: Rosinha sentiu:

P2: “Medo”.

P3: “Medo”.

P6: “Medo”.

P5: “Sentiu-se assustada e com medo”.

P4: “Medo”.

T: Ela estava com medo, confusa, não tinha muito espaço com a mãe e o pai a chamou de novo.

P2: Não respondeu.

P3: Não respondeu.

P6: Não respondeu.

P5: Não respondeu.

P4: Não respondeu.

T: Será que tem alguém numa situação desta que não sente medo?

P2: Não respondeu.

P3: Não respondeu.

P6: Não respondeu.

P5: Não respondeu.

P4: Não respondeu.

T: vamos refazer a história? Eu gostaria que vocês dissessem o que a Rosinha poderia ter feito de diferente.

P2: Não respondeu.

P3: Não respondeu.

P6: Não respondeu.

P5: Não respondeu.

P4: Não respondeu.

T: o que ela podia fazer para a mãe acreditar de verdade nela?

P2: Não respondeu.

P3: “Ela tinha que ter contado para sua mãe”.

P6: Não respondeu.

P5: Não respondeu.

P4: Não respondeu.

T: vocês passaram por isso – contaram uma coisa e as pessoas não acreditavam no que estavam falando?

P2: Não respondeu.

P3: Não respondeu.

P6: Não respondeu.

P5: Não respondeu.

P4: Não respondeu.

Avaliação e discussão: A história da Rosinha na visão de todas as meninas é de que a menina foi enganada, pois ela confiava na figura do pai, ela não tinha como saber que ele poderia fazer mal para ela.

Sessão 13

Objetivo: Encerramento.

Participantes: Pesquisadora, P2, P3, P4, P5, P6.

Material: Planta “Lírio da Paz”, foto do grupo e uma carta que foi dada para cada menina.

Instruções gerais e desenvolvimento: Este foi o último encontro e todas as participantes estavam chateadas que o grupo estava chegando ao fim. Foi proposto que cada participante respondesse algumas perguntas para se ter um *feedback* da intervenção.

- Qual a importância do grupo na minha vida?

P5 – “Bom, foi importante porque me ajudou a superar meus problemas porque eu voltei com muitos problemas e agora eu já estou um pouco melhor, mas ainda preciso de um tratamento psicológico”.

P3 – “Foi importante porque no começo eu era mais fechada, meio triste, não tinha confiança em mim mesma. Mas agora eu sou totalmente diferente, tenho mais confiança em mim, e em todos aspectos. Sou mais feliz e não tenho medo do mundo”.

P6 – “Foi muito legal, me ajudou a superar e perceber o quanto eu sou forte agora. Sempre vou levar comigo o que aprendi aqui”.

P4 – “Aprendi várias coisas. Legal e divertido. Perdi o medo”.

P1 – “O grupo foi importante, porque me fez ver meus problemas com outros olhos, que eu não sou a única com problemas e que isso não é o fim do mundo. Nunca esquecerei as risadas e as lágrimas do grupo. Me ajudou muito”.

- Quais atitudes e pensamentos que mudaram após o grupo?

P5 – “A raiva. Antes eu tinha muito mais raiva, continuo com medo mas não me sinto mais tão culpada e sei que nem todos os homens me farão mal”.

P3 – “Eu aprendi que nem todo mundo é igual, que nem todos homens são iguais, aprendi que não temos culpa e que foram pessoas de mal coração que nos fizeram mal”.

P6 – “Agora sei como me defender melhor, sei que não preciso ter medo e nem culpa. Sei que sempre posso contar com alguém”.

P4 – “A culpa e o medo”.

P2 – “Mudei meu sentimento de medo, digamos que aprendi a lidar com ele, e aprendi que muitas vezes temos que enfrentar os problemas de cabeça erguida, afinal somos seres humanos com sentimentos e com certeza a cicatriz que nos deixaram nunca vai sumir, mas não dói mais tanto”.

- O que você achou do trabalho da Intervenção?

P5 – “Achei legal e gostei muito, porque a Priscila me ajudou em muitas coisas e achei divertido. Bom demais. Adorei o dia do filme, adorei os chocolates. Gostei do quebra –

cabeça, mas eu gostei muito mais do grupo. Sempre ansiosa para vir para o grupo e triste porque esta acabando”.

P3 – “Eu achei muito legal, ela me ajudou a pensar diferente das pessoas, me ensinou que nem todo mundo vai me fazer mal. Gostei de todos os encontros, porque as meninas me fizeram muito bem e eu vou sentir saudades dessas pestes”.

P6 – “Achei bacana. No começo odiei a ideia, fiquei com medo e confusa. Mas hoje percebi que o grupo foi interessante, e de grande ajuda para mim. Foi divertido, teve várias risadas, assim como choros”.

P4 – “A Pri é muito legal”.

P2 – “Confesso que no começo fiquei assustada, afinal iria mexer em uma ferida que doía ainda, mas o tempo foi passando e eu fui ficando mais confortável para falar abertamente, adorei todos os dias, afinal cada semana foi uma descoberta diferente”.

- O que poderia ter sido diferente no grupo?

P5 – “Poderia ter tido mais atividades, poderia ter mais tempo no grupo e eu não queria que acabasse, porque eu adoro o grupo e queria ter mais tempo, porque eu adorei a Priscila, vou sentir a sua falta”.

P3 – “Eu acho que nada. Mas acho que deveria ter sido mais longo o tempo”.

P6 – “Nada. Pois tudo o que fizemos foi útil, e lá no fundo nos ajudou”.

P4 – “Mais tempo”.

P2 – “Nada, afinal todos os dias foram úteis. Não queria que acabasse”.

Encerramento: No encerramento, foi entregue a cada uma das meninas uma plantinha chamada “Lírio da Paz”, juntamente com uma foto com todo o grupo como lembrança dos encontros. Elas ficaram extremamente felizes, pois todas comentaram que nunca haviam ganhado uma flor de ninguém. Agradei a todas elas por terem aceitado participar do grupo e que da mesma forma com que elas sentiram que aprenderam muito, comentei que foi uma troca de aprendizados. Neste dia em especial, o CREAS preparou um lanche diferente para a Pesquisadora bem como para as Participantes como forma de agradecimento pelo trabalho realizado na instituição.

Avaliação e discussão: Foi gratificante o encerramento, pois todas puderam falar o que realmente sentiram de todo trabalho realizado e o sentimento de que não queriam que o trabalho acabasse. Juntamente com a psicóloga do CREAS duas Participantes continuaram o tratamento psicológico individual fora da instituição P5 e P4.

DISCUSSÃO

O objetivo geral deste estudo foi analisar um processo terapêutico em grupo desenvolvido com seis adolescentes do sexo feminino que foram vítimas de abuso sexual. Com a descrição da intervenção pode-se obter informações para a análise em relação a alguns objetivos específicos: facilitar a auto-exposição, facilitar a revelação do abuso sexual e a exposição de sentimentos ligados a ele, facilitar a aceitação do abuso sexual e facilitar a aprendizagem de um repertório de comportamentos que impeçam a revitimização.

O abuso sexual é prejudicial para a vítima e para pessoas ligadas a ela, principalmente aos filhos que possam vir a ter. O tratamento em grupo das sequelas emocionais (ansiedade, sentimentos de culpa e raiva) e comportamentais (dificuldade para se relacionar sexualmente, dificuldade de se defender da revitimização), foi proposto como estratégia de prevenção da multiplicação de maus-tratos. As estratégias resultantes do método escolhido fizeram com que as participantes conseguissem falar sobre o abuso na primeira entrevista, pois já haviam sido preparadas para a Intervenção, podendo assim nortear melhor o caminho na sequência dos encontros. O primeiro aspecto sobre o método e o processo foi a realização do convite feito para as adolescentes participarem do grupo, colocado de forma clara e objetiva o motivo principal da realização da pesquisa.

A abordagem inicial que foi a entrevista individual com cada adolescente na primeira fase do processo terapêutico, foram usadas intervenções que propiciassem a auto-exposição, para que cada uma pudesse se conhecer melhor, que pudessem falar de si mesmas. Nas intervenções terapêuticas, o acolhimento é o primeiro passo para um tratamento eficiente. Conforme Pfeiffer e Salvagni (2005) é preciso que se crie um bom vínculo, explicando sempre o que será feito e o porquê de isso ser feito, sem que se prometa o que não se pode cumprir, pois a escuta da história da criança ou adolescente, livre de preconceitos, sem interrupções ou solicitações de detalhamentos desnecessários, vai demonstrar respeito a quem foi desrespeitado no que tem de mais precioso, que é seu corpo, sua imagem e seu amor-próprio.

O desenvolvimento das primeiras sessões foi realizado para que as Participantes pudessem sentir-se a vontade em estar participando do grupo, utilizando-se técnicas de

brincadeiras, dinâmicas para que pudessem se soltar até o momento em que seria falado sobre o abuso com todo o grupo. Diferentes intervenções têm sido propostas para atendimento de vítimas de abuso sexual (Brino & Williams, 2003; 2008; Padilha Gomide, 2004). De acordo com Habigzang e Caminha (2004), a terapia cognitivo comportamental tem apresentado resultado superior ao de outras abordagens não focais no tratamento da violência sexual; porém, mais importante que a teoria subjacente ao atendimento, é proporcionar um ambiente em que a vítima se sinta acolhida e segura.

Na primeira sessão com todo o grupo, percebeu-se a esquivas das participantes. Conforme Habigzang (2006) o grupo tem a função de oferecer apoio e alívio emocional para a criança ou adolescente, fazendo com que eles não se sintam sozinhos. Além disso, através do relato de sentimentos referentes ao abuso, da discussão das crenças de culpa pela experiência abusiva e do desenvolvimento de habilidades preventivas a outras situações abusivas, propicia-se a modificação do autoconceito das crianças e dos adolescentes em situação de abuso sexual de autodesprezo para autovalorização.

Em todas as sessões o trabalho realizado sempre se deu em forma de grupo, não em duplas. Os assuntos eram debatidos para que todas pudessem colocar seu ponto de vista sobre cada situação que lhes era apresentada.

Houve momentos em que as participantes mostraram-se suscetíveis. Nesta sessão a temática foi sobre as “Memórias Boas e Memórias Ruins”, e em todas elas apareceram memórias ruins relacionadas à infância. Segundo Brassard, Hart e Hardy (2000) classificam o abuso em cinco categorias: Desprezo, Aterrorizar, Isolamento, Exploração e Negação Emocional.

A segunda fase, da auto-revelação, foi utilizada o uso de filmes para fazer com que as emoções e o debate sobre o abuso viessem a tona. O primeiro filme utilizado foi “Ela é poderosa” (2007). O filme retrata a história de uma adolescente que vive trazendo problemas para sua mãe. Sem saber o que fazer com a filha, decide ir para a fazenda de sua mãe. Juntas, descobrem antigos segredos de família, que a filha era abusada pelo padrasto e reatam os laços que um dia foram quebrados.

O segundo filme foi “Confiar” (2011). Este filme retrata a história de uma adolescente que marca um encontro pela internet e neste encontro ela foi abusada. As duas sessões desta fase onde se pôde explorar a história do abuso sexual decada uma, mostraram como foi criada uma disponibilidade das participantes para isso. Foi de suma importância o debate dos filmes, pois cada adolescente pode perceber os fatores que

cada história contava, fechava com um pouco das suas vivências, podendo assim, rever e aprender sobre a revitimização.

A terceira fase ocorreu para promover a aceitação do abuso e lidando com a raiva (Sessão 10), Painter e Howell (1999) afirmam que o sentimento de raiva está presente nas falas das mulheres que recriam padrões de abuso em seus relacionamentos, deixando-se revitimizar. Um entendimento deste sentimento de raiva ajudaria a bloquear cadeias de comportamentos que incluíssem este sentimento.

Neste momento as Participantes conseguiram externalizar através da escrita a raiva que sentiam sobre o abuso. A importância de falar sobre este sentimento fez com que as adolescentes, os dividindo, saíssem mais tranquilas da sessão, pois perceberam que todas sentiam a mesma coisa e dessa forma, os debates foram tomando um rumo de ajuda de umas para com as outras, com palavras de afeto e carinho.

A quarta e última fase teve o objetivo de fazer uma reflexão sobre a prevenção de novos abusos – revitimização, neste momento seguinte foi de teste, a verificação da capacidade das participantes de encontrarem saídas para o problema de estarem sob ameaça de serem abusadas sexualmente. Painter e Howell (1999) afirmam que o sentimento de raiva está presente nas falas de mulheres que recriam padrões de abuso em seus relacionamentos, deixando-se revitimizar. Um entendimento deste sentimento de raiva ajudaria a bloquear cadeias de comportamentos que incluíssem este sentimento.

Pode-se perceber que as adolescentes deixaram muitas questões em branco “História da Rosinha” (Sessão 12). Todavia, as respostas obtidas foram satisfatórias devido ao repertório que foi utilizado sobre a revitimização.

O trabalho realizado teve por objetivo a realização de uma Intervenção com adolescentes que sofreram abuso sexual, com o intuito de que pudessem a partir de um grupo, dividir e trabalhar em cima das suas dores e consequências talhadas em seu âmago, decorrentes do fator de abuso. Este foi alcançado. A entrevista inicial que foi realizada individualmente proporcionou a fase de preparação, para que o grupo já começasse de forma mais segura do que seria trabalhado, mesmo obtendo os fatores de esquiva em um dado momento, o que é considerável normal dentro de um processo de Intervenção.

O que poderia ser reavaliado seria o tempo de Intervenção. Percebe-se que quando o grupo criou uma boa aliança terapêutica, é neste momento que poderia ser

trabalhado muito mais questões que foram abordadas, por exemplo, a questão “familiar”.

CONCLUSÃO

Este trabalho é uma adaptação de uma intervenção de Padilha (2001), e mostra o impacto positivo de uma Intervenção cognitivo-comportamental no tratamento de adolescentes vítimas de violência sexual. Este modelo ajudou as participantes a compreender melhor seu funcionamento psicológico, possibilitando o desenvolvimento de novos repertórios cognitivo e comportamental e a modificação de crenças.

Diante do objetivo deste estudo o qual foi analisar um processo terapêutico em grupo, desenvolvido com seis adolescentes do sexo feminino vítimas de abuso sexual foi criada descrição do processo a qual forneceu informações para a análise em relação a alguns objetivos específicos: facilitar a auto exposição, a revelação do abuso sexual e a exposição de sentimentos ligados a ele, a aceitação do abuso sexual e a aprendizagem de um repertório de comportamentos que impeçam a revitimização.

No decorrer deste trabalho perceberam-se claramente algumas modificações nas participantes conforme a intervenção foi tomando corpo e mostrando resultados, desde o primeiro dia até a finalização dos encontros. A entrevista inicial e individual com cada participante, através do Instrumento da Habigzang (2001), direcionou o trabalho de maneira mais objetiva facilitando a verbalização sobre o abuso. A primeira reação observada nas Participantes foi de esquiva, a qual pôde ser interpretada como uma forma de defesa natural frente ao abuso que, novamente, teve que ser revivido.

Os comportamentos iniciais apresentados pelas Participantes melhoraram de forma relevante ao longo do projeto. A aquisição de um novo repertório cognitivo e comportamental pôde ser observada com a utilização de estratégias de enfrentamento mais adequadas para lidar com situações ativadoras de crenças disfuncionais facilitando dessa forma o trabalho com a autoimagem.

Conclui-se no decorrer desse trabalho que o apoio às adolescentes vítimas de abuso é fundamental para sua sociabilidade e desenvolvimento pessoal, já que através do trabalho cognitivo comportamental sua autoimagem, autoestima e seus desejos podem ser trabalhados e estimulados na medida em que se envolvem na intervenção. Dessa forma as vítimas ficam mais confiantes e sua superação frente ao passado torna-se menos dolorosa. O tratamento psicológico facilita, assim, sua inserção na sociedade diminuindo o medo e a desconfiança delas com o mundo e com elas mesmas.

Ao final das intervenções percebeu-se, conforme relato das participantes falas como: gratidão, superação, confiança, perda do medo e ajuda; já que as mesmas, apresentavam no início da intervenção sentimentos como raiva, medo, ansiedade, tristeza, culpa, aversão. No decorrer do processo observou-se que se sentiram mais confortáveis para falar de suas experiências e dividi-las com o grupo, favorecendo a troca de angústias e a criação da perspectiva de enfrentar seus problemas assim como perceberam a importância da continuidade ao tratamento psicológico a qual foram encaminhadas. Observou-se a necessidade de um maior número de sessões ao longo do processo a fim de garantir mais desenvolvimento das etapas otimizando, dessa forma, o processo que se iniciou.

Para futuros estudos considera-se importante o acompanhamento não só da vítima da violência, mas também dos familiares (desde o início do processo), uma vez que o ajuste no período pós-abuso pode ser significativamente influenciado pelo nível de apoio recebido pelos adultos não ofensores após a revelação do abuso sofrido. Acredito serem necessários acompanhamentos das vítimas em momentos futuros (*follow up*) após a intervenção para avaliar o quanto essa foi válida no estímulo à ressocialização, percepção da autoimagem, melhora da autoestima, enfrentamento ao abuso e de que forma ocorre, se existe, o seguimento do acompanhamento psicológico.

REFERÊNCIAS

- Ackerman, P. T., Newton, J. E. O., McPherson, W. B., Jones, J. G., & Dykman, R. A. (1998). Prevalence of post-traumatic stress disorder and other psychiatric diagnoses in three groups of abused children (sexual, physical, and both). *Child Abuse & Neglect*, 22(8), 759-774.
- American Psychiatric Association (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-IV-TR*. Porto Alegre: Artmed.
- Araújo, E. A. C. (Orgs.) (2009). *Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Um Enfoque Interdisciplinar*. Curitiba: Juruá
- Azevedo, M. A. & Guerra, V. N de A. (2009). Políticas sociais e a violência contra crianças e adolescentes: o panorama nacional. In M. A. Azevedo & V. N. Guerra (Orgs.). *Infância e Violência doméstica: fronteiras do conhecimento*, (pp. 292-318). São Paulo: Cortez.
- Berliner, L., Conte J. R. (1995). The effects of disclosure and intervention on sexually abused children. *Child Abuse & Neglect*, 19, 371-384.
- Brassard, M., Hart, S., & Hardy, D. (2000). Psychological and emotional abuse of children. In R. Ammermann, & M. Hersen (Eds.), *Case Studies in family violence* (pp.239-319). New York: Kluwer.
- Briere, J., & Elliott, D. M. (2003). Prevalence and psychological sequelae of self-reported childhood physical and sexual abuse in a general population sample of men and women. *Child Abuse & Neglect*, 27(10), 1205-1222.
- Brino, R. F. & Williams, L. C. A. (2003). Concepções d professora acerca do abuso sexual infantil. *Cadernos de Pesquisa*, 119, 113-128.
- Brino, R. F. (2006). *Professores como Agentes de Prevenção do Abuso Sexual Infantil: Avaliação de um Programa de Capacitação*. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

- Brino, R. F., Williams, L. C. A. (2008). Professores com agentes de prevenção do abuso sexual infantil. *Educação e Realidade*, 33, 209-230.
- Catani, C., Jacob, N., Schauer, E., Kohila, M., & Neuner, F. (2008). Family violence, war, and natural disasters: A study of the effect of extreme stress on children's mental health in Sri Lanka. *BioMed Central Psychiatry*, 8(33). Retirado em 10/01/2009, do BioMed Central no World Wide Web:<http://www.biomedcentral.com/1471-244x/8/33prepub>.
- Cicchetti, D., Toth, S. L. (2005). Child Maltreatment. *Child maltreatment. Annual Review of Clinical Psychology*, 1, 409-438.
- Chauí, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. In Cavalcanti, M. L. V. C.; Franchetto, B., & Heilborn, M. L. (Orgs.) *Perspectivas Antropológicas da mulher* (pp. 25-62). Rio de Janeiro: Zahar.
- Cohen, J.A., Mannarino, A. P., Rogal, S. (2001). Treatment practices for childhood posttraumatic stress disorders. *Child Abuse & Neglect*.
- Cohen, J. A., Mannarino, A. P., & Knudsen, K. (2005). Treating sexually abused children: One year follow-up of a randomized controlled trial. *Child Abuse & Neglect*, 29, 135- 145.
- Cunningham, A. & Williams, L. C. A. (2009). A Escuta de Crianças Abusadas Sexualmente para Compreensão do Processo de Revelação. Ribeirão Preto, São Paulo.
- Deslandes, S. F. (2004). Redes de Proteção Social e Redes Sociais: uma Práxis Integradora. In C. A, Lima (Coord.). *Violência faz mal à saúde*, (pp.135-150) Brasília: Ministério da Saúde.
- Dos Santos, V. A., Costa, L. F. & Granjeiro, I. A. C. L. (2009). Intervenção no abuso sexual intrafamiliar: ingerência invasiva ou proteção devida? *Psico*, 40 (4), 516-524.

- Duberstein, P.R. (2009). Childhood sexual abuse is associated with physical illnessburden and functioning in psychiatric patients 50 years of age and older. *Psychosomatic Medicine*, 71, 417-422.
- Furniss, T. (1993). A Rede Profissional. In Furniss, T. *Abuso sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar*, (pp. 82-112). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gomes, M. L. M., Neto, G. H. F., Viana, C. H., & Silva, M. A (2006). Perfil clínico-epidemiológico de crianças adolescentes do sexo feminino vítimas de violência atendidas em um serviço de Apoio à mulher, Recife Pernambuco. *Revista Brasileira d Saúde Materno-Infantil* 6(Supl 1), S27-S34.
- Goodman-Brown, T. B., Edelstein, R. S., Goodman, G. S., Jones, D. P. H., & Gordon, D. S. (2003). Why children tell: A model of children's disclosure of sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 27, 525-540.
- Guimarães, N. A., Farias, E. P. & Barbosa, A. M. de C. (2005). O incesto como problema de violência: atendimento e estratégia de interrupção. In C. A, Lima (Coord.). *Violência faz mal à saúde*, (pp.81-86) Brasília: Ministério da Saúde.
- Habigzang, L. F., & Caminha, R. M. (2004). *Abuso Sexua contra crianças adolescentes: conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A. & Machado, P X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia:Teoria e Pesquisa*, 21, 341-348.
- Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Habigzang, L. F., Azevedo, G. A., Koller, S. H. & Machado, P. X. (2006). Fatores de risco e de proteção na rede de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), 379-386.

- Habigzang, L. F. (2006). *Avaliação e intervenção psicológica para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Habigzang, L. F. & Koller, S. H. (2006). Terapia cognitivo-comportamental e promoção de resiliência para meninas vítimas de abuso sexual intrafamiliar. In Dell’Aglia, D. D., Koller, S. H. & Yunes, M. A. M. (Orgs.) (2006). *Resiliência e psicologia positiva: Interfaces do risco à proteção* (pp. 233-258). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Habigzang, L., Hatzemberger, R., Corte, F. D., Stroehrer, F., Koller, S. H. (2009). Grupos de terapia cognitivo – comportamental para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista de Saúde Pública*, 43,70-78.
- Hawkins, S. S. & Radcliffe, J. (2006). Current Measures of PTSD for Children and Adolescents. *Journal of Pediatric Psychology*, 34(4), 420-430.
- Inoue, S. R. V., & Ristum, M. (2008). Violência Sexual caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia*, 25, 11-21.
- Kaminer, D., Seedat, S., & Stein, D. J. (2005). Posttraumatic stress disorder in children. *World Psychiatry*, 4(2), 121-125.
- Laks, J., Werner, J., & Miranda-Sá, L.S. (2006). Psiquiatria forense e direitos humanos nos pólos da vida: crianças adolescentes e idosos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28 (Supl II): S80-S85.
- Linning, L. M. & Kearney, C. A. (2004). Posttraumatic stress disorder in maltreated youth: A study of diagnostic comorbidity and child factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 19(10), 1087- 1101.
- Lipp, M. E. N. (2000). *Crianças Estressadas: Causas, Sintomas e Soluções*. Campinas, SP: Papyrus.
- Lopes, I. M. R. S., Gomes, K. R. O., Silva, B. B., Deus, M. C B. R., Galvão, E. R. C. G. N. & Borba, D. C. (2004) Caracterização da violência Sexual em mulheres

- atendidas no Projeto Maria-Maria em Teresina – PI. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 26, 111-116.
- Macedo, J. P., De Sousa, A.P., De Carvalho, D. M., De Sousa, F. M .S. & Dimenstein, M. (2011). O psicólogo brasileiro no SUAS: quantos somos e onde estamos?. *Psicologia em estudo, Maringá*, 16 (3), 479-489.
- Machado, C. L., Azevedo, R. C. S., Facuri, C. O., Vieira, M. J. N. & Fernandes, A. M. S.(2011). Posttraumatic stress disorder, depression and hopelessness in women who are victims of sexual violence. *International Journal of Gynecology and Obstetrics*, 113(1), 58-62.
- Nurcombe, B. (2000). Child sexual abuse I: Psychopathology. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 34(1), 85-91.
- Organização Mundial da Saúde. (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Organização Mundial da Saúde. (1993). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed. Dyregrov, A. & Yule, W. (2006). A review of PTSD in children. *Child and Adolescent Mental Health*, 11(4), 176-184.
- Padilha, M.G.S. (2001) *Adolescentes institucionalizadas vítimas de abuso sexual: análise de um processo terapêutico em grupo*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- Padilha, M.G.S. & Gomide, P.I.C. (2004). Descrição de u processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia*, 9,53-61.
- Pedersen, J. R. (2010). *Abuso sexual intrafamiliar: do silêncio ao seu enfrentamento*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

- Pereira, P. A. P. (2007). A assistência social prevista na Constituição de 1988 e operacionalizada pelo PNAS e pelo SUAS. *Ser Social*, 20 (3), 64-83.
- Perrin, S., Smith, P., Yule, W. (2000). Practitioner review: The assessment and treatment of posttraumatic stress disorder in children and adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41(3), 277-289.
- Terr, L. C. (1991). Childhood traumas: An outline and overview. *American Journal of Psychiatry*, 148, 10-20.
- Pfeiffer, L. & Salvagni, E.P.(2005). Visão atual do abus sexual na infância adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81 (Supl 5): S197-S204.
- Pinto Jr, A. A. & Tardivo, L. S. L. C. (2008). Violência contra crianças e adolescentes: reflexões sobre o pensar e o fazer do psicólogo clínico. In J. T., Rosa. & I. F, Da Motta. (Orgs.). *Violência e sofrimento de crianças e adolescentes na perspectiva winnicottiana*, (pp.187-208). São Paulo: Idéias e Letras.
- Pires, A.L.D. & Miyazaki, M.C.O.S. (2005). Maus-trato contra crianças e adolescentes: revisão da literatura par profissionais da saúde. *Arquivos de Ciências da Saúde*. 12, 42-49.
- Ribeiro, A.M., Ferriani, M.G.C., & Reis, J.N. (2004). Violência sexual contra crianças e adolescentes: característica relativas à vitimização nas relações familiares. *Cadernos de Saúde Pública*, 20, 456-464.
- Ribeiro, A.M., Ferriani, M.G.C., & Reis, J.N. (2004). Violência sexual contra crianças e adolescentes: característica relativas à vitimização nas relações familiares. *Cadernos de Saúde Pública*, 20, 456-464.
- Sei, M. B. & Da Motta, I. F. (2008). Saúde, desenvolvimento e psicoterapia psicanalítica: interfaces com a violência familiar. In J. T, Rosa., & I. F, Da Motta (Orgs.). *Violência e sofrimento de crianças e adolescentes na perspectiva winnicottiana*, (pp.83-90). São Paulo: Idéias e Letras.
- Souza, F. O., Pátaro, J., Da Silva, M. G. & Gibim, R. A. (2008). *Gestão do Centro de Referência Especializada de Assistência Social: desafios presentes no trabalho interdisciplinar*. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado. Faculdade de

Serviço Social de Presidente Prudente, Faculdade Integrada Antonio Eufrásio de Toledo, Presidente Prudente, São Paulo, Brasil..

- Saywitz, K. J., Mannarino, A. P., Berliner, L., & Cohen, J. A. (2000). Treatment for sexually abused children and adolescents. *American Psychologist*, 55(9),1040-1049.
- Talbot, N.L., Chapman, B., Conwell, Y., McCollumn, K. Franus, N., Cotescu, S., Duberstein, P.R. (2009) Childhood sexual abuse is associated with physical illness.
- Terr, L. C. (1991). Childhood traumas: An outline and overview. *American Journal of Psychiatry*,148, 10-20.
- Widom, C.S. (1989) Does violence beget violence? A critical examination of the literature. *Psychological Bulletin*. vol 106, n.1, 3-28.
- World Health Organization. (2004). Comparative quantification of health risks: Global and regional burden of diseases attributable to selected major risk factors: Vol. 2. *Child sexual abuse* (chap.23). Geneva, Switzerland: Author.

Anexo 1. Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa.

SOCIEDADE EVANGÉLICA
BENEFICENTE DE CURITIBA -
PR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Intervenção com Adolescentes Vitimas de Abuso Sexual

Pesquisador: Priscila Viana Kich

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 25734714.4.0000.0103

Instituição Proponente: SOCIEDADE CIVIL EDUCACIONAL TUIUTI LIMITADA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 552.817

Data da Relatoria: 11/03/2014

Apresentação do Projeto:

O estudo visa replicar uma intervenção com adolescentes vitimas de abuso sexual (Padilha, 2001), utilizando as modificações propostas no estudo original. A intervenção tem o objetivo de trabalhar o repertório de autoproteção das participantes, com vista à prevenção da revitimização.

Hipótese: A intervenção em grupo pode prevenir a revitimização pela modificação do repertório de autoproteção.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Replicar o programa de tratamento em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual proposto por Padilha (2001) com adolescentes que frequentam um Creas, realizando as modificações propostas pela autora.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: A intervenção pode provocar sentimentos ao lembrar e reviver os momentos do abuso. Será garantida a assistência psicológica dentro da própria instituição, tanto pela pesquisadora como da psicóloga da instituição.

Benefícios: Por meio da intervenção proposta com as participantes que frequentam o Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS), será trabalhada a prevenção da revitimização com estas adolescentes.

Endereço: Rua Padre Anchieta, 2770

Bairro: Bigorrião

CEP: 80.730-000

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3240-5570

Fax: (41)3240-5584

E-mail: comite.etica@fepar.edu.br

**SOCIEDADE EVANGÉLICA
BENEFICENTE DE CURITIBA -
PR**



Continuação do Parecer: 552.817

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

As participantes do estudo serão 8 meninas com histórico de abuso sexual que frequentam o Centro de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS). a intervenção se dará em 4 fases: 1) Fase I Preparação: dessensibilizar para facilitar a auto-exposição (falar de si mesma, dos próprios sentimentos).2) Fase II : Revelação do abuso sofrido e exposição de sentimentos sobre o abuso; 3) Fase III Aceitação: discutir o lugar do abuso na história de vida da pessoa e 4) Fase IV : Prevenção: facilitar a aprendizagem de comportamentos de auto-proteção que impeçam a revitimização. Os dados serão tratados qualitativamente em função dos objetivos de cada sessão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Sociedade Evangélica Beneficente de Curitiba, de acordo com as atribuições definidas na Resolução 466/12 CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto conforme proposto para início da pesquisa.

Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.

É dever do CEP acompanhar o desenvolvimento do projeto, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa.

Endereço: Rua Padre Anchieta, 2770

Bairro: Bigorilho

CEP: 80.730-000

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3240-5570

Fax: (41)3240-5584

E-mail: comite.etica@fepar.edu.br

SOCIEDADE EVANGÉLICA
BENEFICENTE DE CURITIBA -
PR



Continuação do Parecer: 552.817

CURITIBA, 12 de Março de 2014

Assinador por:
Carmen Australia Paredes Marcondes Ribas
(Coordenador)

Endereço: Rua Padre Anchieta, 2770

Bairro: Bigorrilho

CEP: 80.730-000

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3240-5570

Fax: (41)3240-5584

E-mail: comite.etica@fepar.edu.br

Anexo 2. Carta para solicitação de permissão para a realização de pesquisa.

Assunto: Permissão para realizar coleta de dados com meninas adolescentes que frequentam o Centro de Referência Especial Assistida Social.

Prezado Senhora

Leila Lautert Valin

Vimos por meio desta solicitar permissão para realizar a pesquisa intitulada “Intervenção com adolescentes vítimas de abuso sexual”, que tem por objetivo realizar um programa de intervenção em grupo. A responsável pela pesquisa é a aluna do Mestrado em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Priscila Viana Kich, com o telefone de contato (47-9656-3492) e sua orientadora Dra. Maria da Graça Padilha.

Para a realização da pesquisa será necessário a realização de um grupo com as adolescentes que foram abusadas sexualmente.

Após a conclusão da pesquisa a orientanda Priscila Viana Kich se comprometerá a informar para a Instituição CREAS, os resultados obtidos e garantimos o total sigilo no que se refere a manter em anonimato os nomes e identidades dos participantes.

Para tanto, solicitamos a assinatura da coordenadora do CREAS, conforme abaixo segue.

Agradecemos sua valiosa colaboração, sem a qual não seria possível a realização da pesquisa.

Leila Lautert Valin (RG: 3.146.845-4)

Coordenadora CREAS.

Anexo 3. Termo de consentimento livre e esclarecido para as adolescentes.

O Centro de Referência Assistida Social está sendo convidado a participar de um estudo que tem por objetivo avaliar o Projeto de pesquisa, intitulado “Intervenção no CREAS” das pesquisadoras, a professora e Dra. Maria da Graça Padilha e a mestrande Priscila Viana Kich, que poderá ser contatada pelo telefone (47) 9656-3492. Que tem por objetivo realizar uma intervenção com as adolescentes que frequentam o programa CREAS. O Programa consta de 07 sessões de 1 hora e 30 minutos, em média, a ser desenvolvido semanalmente com um grupo de meninas adolescentes. Para realização da pesquisa necessitaremos aplicar o programa em um grupo, com 08 adolescentes. E os grupos focais serão realizados somente para as adolescentes que frequentam o programa. Será necessário 12 encontros. Os participantes serão selecionados de acordo com a faixa etária de 14 a 18 anos, que frequentam o CREAS, e que tenham domínio básico de leitura e escrita, e os grupos serão desenvolvidos nas próprias instituições. Os dados serão coletados pela psicóloga Priscila Viana Kich.

Para podermos realizar a Pesquisa de “Intervenção com adolescentes vítimas de abuso sexual” precisamos de sua colaboração autorizando a coleta de dados na instituição CREAS.

Você poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem que isto lhe acarrete qualquer tipo de prejuízo.

Garantimos o total sigilo aos dados aqui obtidos assegurando que o tratamento dos mesmos será realizado dentro dos princípios éticos que regem os procedimentos em pesquisa. Qualquer publicação, tanto oral como escrita, informará o apoio recebido do CREAS.

Antecipadamente agradecemos a sua valiosa colaboração que contribuirá para o desenvolvimento do conhecimento nesta área e sem a qual este estudo não poderia ser realizado

Eu, _____, autorizo a coleta de dados desta pesquisa e compreendo que poderei interromper a minha autorização a qualquer momento.

Anexo 4. Roteiro de entrevista para avaliação de abuso sexual (Habizgang 2012).

1. Como é seu nome?
2. Meu nome é Priscila Viana Kich, sou psicóloga. Você já conversou com uma psicóloga antes?
3. Quantos anos você tem?
4. Com quem você mora?
5. Em que série você está?
6. Você tem amigos na escola? E perto da sua casa?
7. O que você costuma fazer quando não está na escola?
8. Que atividades gosta de fazer?
9. Agora que já nos conhecemos um pouco, gostaria de saber se você sabe o porque esta aqui?
10. Como isso acontecia?
11. Os abusos deixaram de acontecer ou ainda acontecem?
12. Que idade você tinha quando o abuso aconteceu pela primeira vez?
13. O abuso aconteceu mais de uma vez?
14. Você contou que isto estava acontecendo para alguém?
15. Para quem contou?
16. Você sofreu algum tipo de ameaça para não contar sobre o abuso?
17. (Nome do agressor) alguma vez bateu ou xingou você?
18. E o que aconteceu depois que você contou sobre o abuso?
19. Como sua família reagiu/ o que ela fez depois que você contou?
20. Você foi a delegacia ou Conselho Tutelar?

21. Conte-me como foi ir a estes lugares?

22. E o que aconteceu depois?

23. Como esta a sua vida agora?

Anexo 5. Lista de Tabelas

Tabela 2. Você já conversou com uma psicóloga antes?

Meu nome é Priscila Viana Kich, você já conversou com uma psicóloga antes?	
Participante 1	Sim, aqui no CREAS.
Participante 2	Só aqui no CREAS.
Participante 3	Não, só quando vim aqui. Mas ele era homem não gostava dele.
Participante 4	Não.
Participante 5	Só aqui, com a psicóloga daqui quando cheguei. E participei de um grupo.
Participante 6	Só aqui no CREAS.

Tabela 3. Com quem você mora?

Com quem você mora?	
Participante 1	Com meu pai, minha mãe e minhas duas irmãs. Uma tem 16 anos e a outra 17.
Participante 2	Eu moro com a filha mais velha da minha madrasta que é minha Irma de criação e com meu cunhado. eu nunca morei com a minha mãe, na verdade eu morei meio ano quando ela engravidou e eu fui ajudar ela e meu padrasto morava com a gente. Ai ela foi cuidar de uma casa de uma senhora e deixaram a gente morando lá. E ai fiquei morando la com a minha Irma de criação.
Participante 3	Com meu marido (34 anos). Sou casada a um ano e dois meses. Me juntei.
Participante 4	Com a minha mãe e com meus irmãos. Três irmãos, comigo quatro. Eu sou a mais velha. Tem um de 9, 10 e um de um aninho e eu 14 anos.
Participante 5	Com a minha mãe, meu padrasto e minha irmã que também vem aqui. A Participante 6.
Participante 6	Eu, minha irmã, minha mãe e meu padrasto.

Tabela 4. Em que série você está?

Em que série você está?	
Participante 1	Segundo ano. Vou fazer supletivo. Porque eu estudava la numa escola e agora vou fazer o supletivo para terminar mais rápido. Depois quero fazer um curso no Senai de segurança do trabalho.

Participante 2	Primeiro ano do segundo grau.
Participante 3	Estou no nono ano.
Participante 4	Estou no ciclo sexto e sétimo ano.
Participante 5	No oitavo ano.
Participante 6	Primeiro ano.

Tabela 5. Você tem amigos na escola? E perto da sua casa?

Você tem amigos na escola? E perto da sua casa?

Participante 1	Perto da minha casa não tem muito, mas sempre ai gente lá na minha casa. Aonde eu estudo também, tenho bastante amigos.
Participante 2	Tenho bastante amigos da escola. E perto de casa também, mas não convivo muito com eles. Tenho mais amigos aqui no bairro. Os da escola eu me afastei, porque cada um foi para uma escola diferente. Ai como eu conheço bastante gente, a minha melhor amiga veio hoje aqui comigo. Eu até trouxe ela aqui comigo para eu me sentir um pouco melhor. Vim no caminho conversando com ela. Eu tenho bastante amigos assim...Mas quem eu convivo mesmo é só ela. Tenho amigos de festa da escola também tenho bastante. Mas minha amiga mesmo é só ela.
Participante 3	Tenho na escola. Não tenho perto de casa.
Participante 4	Tenho na escola. Não tenho perto de casa.
Participante 5	Tenho na escola e perto de casa.
Participante 6	Tem na escola os meus colegas e perto de casa também.

Tabela 6. O que você costuma fazer quando não esta na escola?

O que você costuma fazer quando não esta na escola?

Participante 1	Gosto de dar uma volta, ver um filme. Gosto de ficar deitada pensando. Pensando na vida.
Participante 2	Gosto de acordar tarde, geralmente 11 horas, ai eu levanto, limpo a casa como de costume. Ai eu levanto e vou para a casa dela ou ela vem para a minha. A gente sai, vai caminhar na praia, ai final de semana a gente vai para a festa e é isso assim. E com o namorado, que agora arrumei um namorado. E agora tem que dar ais tempo para ele. A gente sai. É muito difícil eu ficar em casa. Se eu ficar em casa eu fico aguniada.

Participante 3	Eu faço os deveres de casa, estudo e fico no computador.
Participante 4	Saio, vou na casa de uma, na casa de outra.
Participante 5	Não saio mais a noite. Não tenho mais vontade de ir a baladas. Fico mais em casa.
Participante 6	Gosto de ficar em casa escutando música e pensando na vida.

Tabela 7. Que atividades gosta de fazer?

Que atividades gosta de fazer?	
Participante 1	Gosto de jogar. Vôlei e tênis de mesa.
Participante 2	Gosto de sair com ela (amiga), e ir para a festa com ela. Porque lá (festa) tem bastante gente e aonde tem bastante gente eu me sinto mais segura. Se eu ficar sozinha assim... Eu tenho mais confiança nas pessoas.
Participante 3	Jogar handebol. Jogo da Educação Física. Antes eu jogava. Mas agora não da. Porque complicou mais. Eu gosto, era meu esporte favorito. E agora tem que ser assim, porque eu to casada. Ele não deixa.
Participante 4	Eu assisto novela, cuido do meu bebê (irmão mais novo). Faço o serviço de casa.
Participante 5	Não tenho feito muita coisa.
Participante 6	Gosto de andar na praia com alguma amiga e escutar música e computador.
